

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório Final

Vivenciando o Mundo Pré-Escolar

Rosana Paula Fernandes Monteiro

2013

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-escolar

Relatório Final

Vivenciando o Mundo Pré-Escolar

Rosana Paula Fernandes Monteiro

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Ana Coelho

Outubro de 2013

Agradecimentos

A realização deste trabalho não seria possível sem a ajuda e colaboração de algumas pessoas que não posso esquecer de forma alguma.

Os meus primeiros agradecimentos, como não podia deixar de ser, são dirigidos à Professora Ana Coelho pela orientação, e pelas palavras de incentivo ao longo de todo este processo de aprendizagem.

Agradeço ainda ao meu pai, ao meu irmão, cunhada e toda a minha família que esteve sempre a meu lado e me apoiou.

Um agradecimento em especial ao Ruben pela atenção, paciência e por toda a força ao longo destes quatro anos. Agradeço também à minha prima que tem sido mais que uma irmã para mim um muito obrigada também a ela. Às minhas amigas Cláudia e Diana que sempre me encorajaram e não me deixaram desistir.

A todos aqueles que me incentivaram e me fizeram acreditar, o meu muito obrigada.

Relatório Final: Vivenciando o Mundo Pré-Escolar

Resumo:

Este documento representa o culminar de todo o trabalho desenvolvido no estágio, incluindo as experiências concretizadas ao longo de todo este percurso. Com este trabalho pretende mostrar um conjunto de aprendizagens referentes à prática de estágio na área de Educação Pré-Escolar, bem como o modo como isso contribuiu para a minha formação como futura educadora. Trata-se de um relatório de cariz reflexivo e descritivo, evidenciando um conjunto de observações efetuadas durante o estágio.

Palavras-chave: Trabalho de Projeto, Crianças, Brincar, Experiências

Abstract:

This document represents the conclusion of the whole work developed in training which include all the experiences realized during this period. This work aims to show a range of the learning relating to the formation of the future educator. It is a report oriented reflective and descriptive thus showing a set of observations made during the training.

Key Words: Project Work, Children, Play, Experiences

Sumário

Introdução.....	1
<i>PARTE I – As Descobertas pelo Mundo Pré-Escolar.....</i>	<i>7</i>
Capítulo I – Caraterização da Instituição	9
1.1.O Estágio Curricular: Diferentes fases.....	9
1.2. Caraterização do Jardim de Infância.....	10
1.3. Organização do Ambiente Educativo	11
1.3.1 Organização do Espaço.....	11
1.3.2 Organização e Gestão do tempo	12
1.3.3. Equipa Educativa	13
Capítulo II – Grupo da sala 2.....	13
2.1. Caraterização do Grupo	13
2.2. As famílias	14
2.3. A Prática da Educadora.....	15
2.4.A avaliação na educação pré-escolar.....	16
2.4.1.SAC – Sistema de Acompanhamento de Crianças.....	16
Capítulo III – Chegada ao Jardim de Infância	19
3.1. De Observadora a Participante Ativa.....	19
3.2. As primeiras participações	20
3.3. Projeto “A Água”	21
3.3.1. Como Surgiu	21
3.3.2.Como se desenvolveu	22
3.3.3. Atividades Desenvolvidas.....	22
3.3.4. Divulgação/ Avaliação.....	28
<i>PARTE II – Experiências-Chave</i>	<i>29</i>
Capítulo IV – A Importância do Brincar	31
4.1. Tipos do Brincar	31
4.2. O Papel dos adultos no brincar	32
4.3. A Aprendizagem por meio da brincadeira	33

Capítulo V – Trabalho de Projeto	34
5.1. Mas o que é um projeto	35
5.2. Objetivos do Trabalho de projeto	35
5.3. Diferentes fases de um projeto	35
5.4. O porquê de adotar o trabalho de projeto	37
Capítulo VI – Organização dos espaços na Educação Pré-escolar	38
6.1. Importância dos Espaços e do Meio	38
6.2. Organização dos Espaços e dos Materiais	39
6.3. Organização das crianças.....	40
Capítulo VII – As Relações entre Pares	40
7.1. A influência dos Pares	40
7.2. A influência do Educador	41
7.3. Estratégias para promover interações entre as crianças.....	41
Capítulo VIII – Ideias das crianças sobre o jardim de infância	42
8.1. Objetivos da Investigação.....	42
8.2. Amostra	42
8.3. Tipo de Investigação e instrumentos de recolha de dados.....	42
8.4. Análise de dados.....	43
8.5. Categorização	43
8.6. Conclusões.....	47
Considerações Finais.....	50
Referências Bibliográficas.....	54
Apêndices.....	60

Abreviaturas

CAF - Componente de Apoio à Família

EPE – Educação Pré-Escolar

JI – Jardim de Infância

OCEPE – Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar

PNL – Plano Nacional de Leitura

PC – Projeto Curricular

SAC – Sistema de Acompanhamento de Crianças

Lista de Figuras

Figura 1: Atividade “*As cores mágicas*”20

Figura 2-3: *Maquete da casa / Casa vista do interior*.....23

Figura 4-5: *Registo feito pelas crianças*.....24

Figura 6: *Reflexão do livro e construção do Homem de água*.....25

Figura 7: *Cartaz de sensibilização*.....26

Figura 8 – Atividade dos “*animais que vivem no rio e no mar*”27

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Níveis de Implicação das crianças.....17

Gráfico 2 – Níveis de bem-estar emocional das crianças.....18

Lista de Quadros:

Quadro 1 – Resultados da 1ª questão da entrevista.....	45
Quadro 2 – Resultados da 2ª questão da entrevista.....	45
Quadro 3 – Resultados da 3ª questão da entrevista.....	46
Quadro 4 – Resultados da 4ª questão da entrevista.....	46
Quadro 5 – Resultados da 5ª questão da entrevista.....	47
Quadro 6 – Resultados da 6ª questão da entrevista.....	48

Lista de Apêndices

Apêndice 1 - Teia de Conceitos

Apêndice 2 - Ficha 1g Avaliação geral do grupo

Apêndice 3 - Ficha 2g Análise e reflexão em torno do grupo e contexto

Apêndice 4 - Entrevistas

Introdução

O Presente Relatório Final foi realizado no âmbito da unidade curricular Prática Educativa, inserido no Mestrado de Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra. A sua realização pretende demonstrar o percurso, as vivências, bem como as experiências que se revelaram significativas.

O estágio mostra ser uma fase fulcral, uma vez que este é o primeiro contato que a estagiária tem com um grupo de crianças. É no fundo um impulsionador de experiências que exige à futura profissional de ensino a responsabilidade de planificar, lecionar e refletir. No que se refere à estrutura do relatório, este divide-se em duas partes. Na primeira parte poder-se-á ler, distribuídos por três capítulos, as componentes que caracterizam o estágio, ou seja, o ambiente educativo, bem como a caracterização do grupo com o qual esteve a estagiar e ainda, num terceiro capítulo o desempenho como futura profissional. A segunda parte deste relatório é constituída por cinco experiências-chave que tomaram alguma relevância durante o decorrer do estágio.

A Educação de Infância segundo Cardona (1997, p.5) é marcada por cinco grandes períodos que mostram significativamente a Evolução Histórica da Educação de Infância em Portugal: a Monarquia (1834-1909) com o início da educação de infância como parte do sistema educativo; a Primeira Republica (1910-1932) em que começa a ser valorizada a função de pré-escolarização da escola infantil; as primeiras décadas do Estado Novo (1933-1973) quando a educação das crianças pequenas é considerada uma responsabilidade das mães e valorizada pela sua função assistencial; e o período posterior à revolução do 25 de abril de 1974 quando se começa a defender uma conceção socioeducativa. A criação da rede pública de jardins-de-infância em 1979 marca o início de duas redes institucionais: uma dependente do Ministério da Educação servindo assim crianças dos 3 aos 6 anos e outra de dependência da

Segurança Social dos 0 aos 6 anos, com horário mais alargado, dando particular ênfase à função social. Em 1997, com a publicação da Lei-Quadro a educação pré-escolar passou a ser considerada “a primeira etapa da educação no processo ao longo da vida, assim é importante que se criem condições necessárias para que as crianças aprendam a aprender.” (Ministério da Educação, 1997, p. 17)

*“Crianças são como borboletas ao vento,
algumas voam rápido, algumas voam pausadamente,
mas todas voam do seu melhor jeito...
Cada uma é diferente, cada uma é linda e cada uma é especial”
(Alexandre Lemos, 2012)*

Parte I

**As Descobertas pelo Mundo da
Educação Pré-Escolar**

Capítulo I – Caracterização da Instituição

1.1.O estágio curricular: diferentes fases

O estágio a que se refere este relatório foi desenvolvido ao longo de cinquenta e nove dias e organizado em quatro fases. A primeira, composta por seis semanas, teve como objetivo, observar o contexto educativo (criança, grupo, espaço, tempo, meio institucional, relação com os pais e parceiros educativos). Esta fase permitiu conhecer a realidade na qual estava inserida, desde o modo como estava organizado o ambiente educativo, o grupo, as interações que se estabeleciam, bem como as metodologias a serem utilizadas pela educadora cooperante.

A segunda fase, que decorreu durante um período de sete semanas, pretendia que efetuássemos a entrada progressiva em termos de atuação prática, tendo como finalidade, o desempenho de tarefas pontuais com a colaboração da educadora cooperante e dinamização pontual de atividades pedagógicas.

A terceira fase decorreu ao longo de sete semanas e tinha como finalidade, o desenvolvimento de práticas pedagógicas, planificação de atividades curriculares pontuais, de acordo com o plano da educadora cooperante, atuação, avaliação reflexiva e renovação da atuação de acordo com os dados da avaliação da atuação anterior. Por último a quarta fase a implementação e a conceção de um projeto pedagógico (gestão integral do projeto, planificação, implementação e avaliação das atividades no âmbito de projeto).

1.2. Caracterização do Jardim de Infância

O Agrupamento de Escolas, que abrange o Jardim de Infância, onde foi desenvolvida a prática pedagógica, situa-se na cidade de Coimbra. A população escolar do agrupamento é constituída, maioritariamente, por crianças cuja residência se situa na área de influência das escolas. Como referido no PE (2010/2013, p.4), e como vivenciei as escolas do agrupamento situam-se numa zona da cidade onde se concentram numerosos serviços e comércio, algumas crianças vêm diariamente dos arredores, devido à proximidade do local de trabalho dos pais.

O jardim-de-infância é uma instituição que pertence à rede pública e serve 50 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos. Trata-se de um edifício recente, construído de origem, com salas espaçosas e boa iluminação natural. É constituído por 3 grandes salas de atividades, o que permite desenvolver diferentes projetos. Tem instalações sanitárias para crianças e para adultos, um gabinete para as educadoras de infância, um espaço exterior amplo, um refeitório e uma cozinha.

Uma das salas de atividades é utilizada pela CAF (Componente de Apoio a Família) e tem como finalidade acolher as crianças antes e depois do horário da componente letiva. O espaço exterior é muito amplo, composto por um telheiro com mesas, um jardim, uma horta, duas salas de arrumos e uma área composta por dois escorregas, uma casinha entre outros materiais adequados à idade das crianças.

1.3. Organização do Ambiente Educativo

1.3.1 Organização do Espaço

A sala de atividades é ampla, com boa iluminação, quer ao nível natural como artificial. Possui um conjunto de placares, onde estão expostos todos os trabalhos realizados pelo grupo e individualmente. Existe ainda um quadro de presenças, um calendário, um quadro do tempo, e ainda no armário dos materiais, um compartimento que informa às crianças quem vai cantar o “bom dia” e quem que vai “limpar a sala”.

A sala está dividida em seis áreas, permitindo às crianças desenvolver a autonomia, responsabilidade, cooperação e o espírito de entreajuda, e onde têm uma participação ativa. As áreas estão divididas do seguinte modo: área da casinha (espaço ocupado por uma cozinha e bonecas); área da matemática (blocos lógicos, seriação, padrões,); área do computador (jogos didáticos); área da leitura (livros de acordo com o PNL); área dos jogos de chão (construções); área das ciências (experiências) e por fim a mesa de grande grupo.

“ Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma com que estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender”. (ME, 1997, p. 37)

A área da casinha era a mais procurada e preferida das crianças. Neste espaço representavam as profissões dos pais e ações vivenciadas no dia-a-dia. A área da matemática tem jogos variados, tais como: noções de comparação, seriação, padrão, classificação, estabelecimento de semelhanças e diferenças, motricidade e destreza manual. A área do computador era muito concorrida e era constituído por diversos jogos didáticos e pequenos trabalhos realizados pelas crianças. A área da

leitura era constituída por livros referentes ao Plano Nacional de Leitura. A área dos jogos era destinada a jogos que incentivavam à construção de puzzles e raciocínio mental. A área das ciências estava destinada a experiências periódicas e curiosidades das crianças. A mesa de grande grupo estava designada como o próprio nome indica a trabalhos em grande grupo.

1.3.2 Organização e Gestão do tempo

Na “sala 2”, o tempo era gerido de modo flexível, estando organizado sob a forma de rotinas, e obedecia a uma certa periodicidade, permitindo ao grupo identificar os diferentes momentos do dia. A rotina diária permitia à criança ter a noção de tempo, como por exemplo, o momento de diálogo logo pela manhã, onde as crianças partilhavam ideias, novidades e objetos pessoais que trazem de casa (bonecos (as), livros, lápis etc).

De seguida as crianças distribuía-se pelas diferentes áreas, iniciando atividades livres. De seguida, registavam as presenças, tomavam o lanche da manhã e logo depois brincavam e almoçavam. No período da tarde, e na sala as crianças faziam trabalhos em grande grupo ou pequeno, onde normalmente iam surgindo projetos novos e diferentes. Logo de seguida era a hora do lanche da tarde e de seguida iam brincar e por fim eram direcionadas para o CAF.

De acordo com as OCEPE (ME, 1997, p.40), “a distribuição do tempo relaciona-se com a organização do espaço pois a utilização do tempo depende das experiências e oportunidades educativas proporcionadas pelos espaços. O tempo, o espaço e a sua articulação deverão adequar-se às características do grupo e necessidades de cada criança”.

1.3.3. Equipa Educativa

A equipa educativa com a qual realizei o meu estágio era composta por duas educadoras e quatro assistentes operacionais. Durante o percurso do estágio estavam sempre 4 adultos dentro da sala de atividades. A dada altura apercebi-me que algumas crianças reconheciam o papel da educadora, o da assistente operacional e também o papel das estagiárias. Mas independentemente disso sempre que as crianças precisassem de algum apoio, nós próprias eramos solicitadas pelas crianças.

Capítulo II – Grupo da Sala 2

2.1. Caracterização do Grupo

O grupo era composto por vinte cinco crianças de idade heterogénea. O grupo era constituído por: uma criança com três anos de idade do sexo masculino, três com quatro anos, sendo duas do sexo masculino e uma do sexo feminino, e vinte e uma com cinco anos, sendo oito do sexo masculino e 13 do sexo feminino.

Entende-se a heterogeneidade do grupo como um fator facilitador da aprendizagem, da cooperação e do enriquecimento das interações entre pares. Assim as OCEPE (ME,1997, p.) afirmam que:

“A interação entre crianças em momentos diferentes de desenvolvimento e com saberes diversos é facilitadora do desenvolvimento e da aprendizagem. Para isso torna-se importante o trabalho entre pares e em pequenos grupos, em que as crianças têm oportunidade de confrontar os seus pontos de vista e de colaborar na resolução de problemas ou dificuldades colocadas por uma tarefa comum”.(Ministério da Educação, 1997, p. 35).

Este era um grupo que necessitava de atenção, uma vez que se tratava de crianças muito ativas, ainda a interiorizar algumas regras básicas tais como, andar pela sala sem correr, manter um ambiente positivo sem ruído, entre outras. Notava-se também alguma dificuldade na partilha de materiais, nomeadamente brinquedos e espaços, por parte de algumas crianças. Este grupo de crianças gostava de estar envolvido em atividades livres, tendo sempre a sua preferência em relação aos cantinhos e ao espaço exterior. Quando as crianças se envolviam em atividades orientadas, algumas empenhavam-se facilmente na sua realização, mas já outras não se mostravam muito entusiasmadas, sendo desta forma necessário realizar as diferentes atividades de forma cativante e estimuladora. Neste grupo, existiam crianças autónomas e independentes, mostrando vontade de ajudar os/as menos autónomos/as.

2.2. As famílias

“ O jardim-de-infância deve apoiar-se nas experiências vividas pela criança no seio familiar e crescer gradualmente para fora do seio familiar, deve partir das atividades que a criança vivencia em casa e continuá-las (...) é da responsabilidade desta aprofundar e alargar os valores da criança, previamente desenvolvidos no contexto da família”. (John Dewey, 1897 citado por Hohmann e Heikart, 2011, p.38)

Assim, a família torna-se um elemento crucial na aprendizagem de qualquer criança, e como tal, para o grupo com que estive a estagiar, a família desempenhava um papel fundamental no processo de desenvolvimento das crianças.

As famílias destas crianças eram convidadas para as festividades que aconteceram durante o ano, também eram convidadas em alguns projetos elaborados pelas crianças e visitas à sala com o intuito de

participarem na leitura de um livro, confeção de um bolo e elaboração de uma horta.

2.3. A Prática da Educadora

A metodologia de trabalho utilizada pela educadora é o trabalho de projeto. De acordo com Katz e Chard (1989, p.2 - 3), “um projeto é um estudo em profundidade de um determinado tópico que uma ou mais crianças fazem, consiste também na exploração de um tema. O trabalho de projeto pode perlongar-se por um período de dias ou semanas.”

Esta metodologia reflete o ponto de vista da criança e os seus interesses, dando ênfase ao papel do educador no incentivo à interação com pessoas, objetos e com o ambiente e a participação ativa das crianças nos projetos. “Os objetivos desta abordagem é incentivar as crianças a colocarem questões, a resolverem dificuldades e a aumentar a sua curiosidade por fenómenos que as rodeiam.” (Katz e Chard, 1989, p.4)

Na sala onde estive a estagiar, um dos projetos das crianças traduzia-se no “desafio da semana”. Ou seja, um grupo de crianças queria saber qual o meio de transporte utilizado por as outras crianças para virem diariamente para o jardim-de-infância, então um grupo de quatro crianças fez uma tabela com alguma orientação da educadora e colocaram os meios de transporte: o carro; a bicicleta; o barco e a pé. Posteriormente as crianças colocaram o seu nome no meio de transporte que utilizavam. Outro exemplo de projeto existente na sala, e este elaborado por uma menina, chamava-se “vives numa vivenda ou num prédio?”. A criança desenhóu um prédio e uma vivenda, e no prédio colocou os números até doze e as crianças através de uma seta tinham de colocar o nome onde moravam efetivamente. Estes dois exemplos foram

dados para mostrar como as questões surgem e os projetos se desenvolvem.

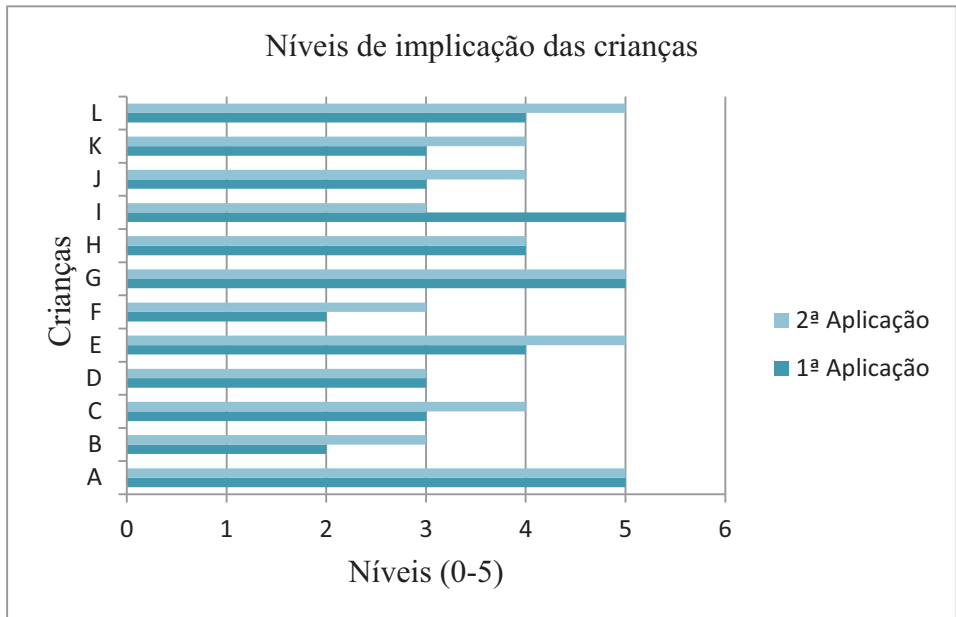
2.4. A Avaliação na Educação Pré-Escolar

3.4.1. SAC – Sistema de Acompanhamento de Crianças

Com o decorrer do estágio foi-nos proposto avaliar as crianças através de um novo instrumento de avaliação: O SAC (Sistema de Acompanhamento de Crianças). O SAC é constituído por três fichas, 1G - Avaliação Geral do Grupo – Níveis de Bem-Estar e Implicação, 2G - Análise e Reflexão em torno do Grupo e Contexto e 3G – Definição de objetivos e iniciativas dirigidas ao contexto educativo em geral. (Portugal e Laevers 2010, p.77)

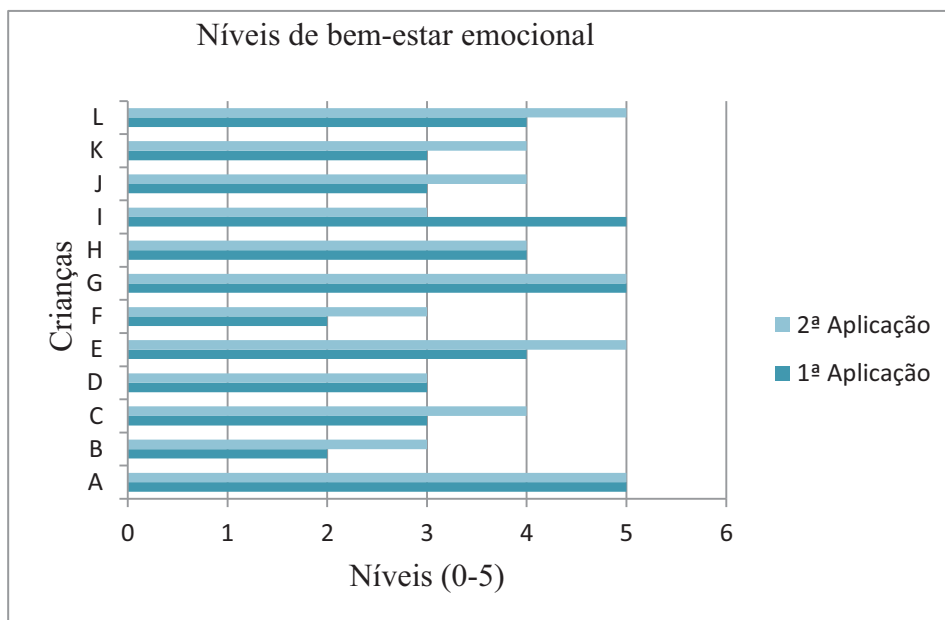
O SAC permite-nos assim perceber melhor as crianças com quem trabalhamos e demonstrar alguns problemas. A primeira fase consistia na aplicação da ficha 1G (Apêndice 2), implicando assim uma observação geral do grupo. Tratava-se de uma ficha de atribuição de níveis às crianças mediante os seus comportamentos e atitudes. Aleatoriamente foram escolhidas doze crianças na qual procurámos perceber os níveis de implicação e bem-estar emocional, aquando envolvidas em situações de brincadeiras e de atividades.

Seguidamente serão apresentados (gráfico 1 e 2) que permitirão verificar as diferenças na aplicação da ficha 1G nomeadamente no início e final.

Gráfico 1 – Níveis de implicação das crianças

A partir do gráfico pode concluir-se que a maioria das crianças apresentou diferentes níveis de implicação face às diferentes aplicações da ficha. Enquanto as crianças B, C, E, F, J, K e L demonstraram uma subida nos níveis de implicação, na segunda aplicação da ficha, a criança I foi a única que demonstrou uma descida nos níveis após a segunda aplicação da ficha. A criança A, D, G e H foram as únicas que demonstraram, o mesmo nível em ambas as aplicações.

Gráfico 2 – Níveis de bem-estar emocional das crianças



Com os dados obtidos pode constatar-se novamente diferentes valores. Tal como se observou no gráfico anterior, também neste se pode verificar diferentes variações nos níveis. Fazendo uma análise dos dois gráficos conclui-se que as crianças que apresentaram uma diminuição dos níveis da 1ª para a 2ª aplicação foram as mesmas, assim como as que se destacaram pelo seu aumento. A base destes dados estão nas preferências de cada elemento, visto esta ficha ser aplicada em diferentes situações, o resultado foi visível as crianças quando envolvidas nas atividades e brincadeiras preferidas apresentam os níveis mais altos. As crianças A, D, G, E, H destacam-se em ambos os gráficos pelo facto de terem mantido os seus níveis, independentemente da atividade ou brincadeira que desenvolveu, o que demonstra o ambiente positivo vivido no jardim-de-infância.

A segunda fase a ficha 2G (Apêndice 2) remetia para a análise e reflexão sobre a organização do ambiente educativo. Nesta fase o objetivo era analisar as observações registadas na ficha 1G, de modo a encontrar justificações fundamentadas para os baixos e altos níveis de

implicação e bem-estar das crianças. A aplicação desta ficha revelou-se importante, uma vez que o contexto é um elemento determinante para o dia-a-dia do grupo. Em termos pessoais, o SAC mostrou ser um instrumento de extrema importância e uma mais-valia no auxílio da compreensão do grupo e consequentemente na avaliação individual da criança, relativamente à sua implicação na atividade. Com a aplicação destas fichas tentamos entender a sua origem, este instrumento tinha como finalidade apoiar-nos na nossa prática, envolvendo-nos na observação e reflexão.

Capítulo III – Chegada ao Jardim de Infância

3.1. De Observadora a Participante Ativa

Quando iniciei o estágio, a minha primeira preocupação foi assumir o papel de observadora, com o objetivo de analisar o meio onde, futuramente, ia continuar a estagiar, e cabia-me a mim analisar o que estava à minha volta, desde o ambiente educativo, a hora de acolhimento até à hora da partida, o modo como estava organizada a sala de atividades das crianças, a interação das crianças com as próprias crianças e com os adultos. Considerei esta observação um processo importante para a minha formação, pois foi através dela que recolhi a informação necessária para analisar, essencialmente todo o grupo de crianças com o qual estagiei.

Segundo o Ministério da Educação (1997,p.25), “observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades.”

3.2. As primeiras participações

As primeiras participações realizaram-se na segunda fase do estágio – desempenho de tarefas pontuais. O seu objetivo era, progressivamente, realizarmos pequenas atividades por solicitação e colaboração da educadora a fim de promover, a nossa integração no grupo. Foi desenvolvido um conjunto de atividades que seguidamente serão mencionadas. O primeiro projeto denominado, “As cores mágicas” (Figura 1) surgiu, a partir de uma questão colocada por uma criança “o azul e o amarelo misturados dão azul?”. Para iniciar, resolvemos ler uma história que tem como título “Um livro ” de Hervé Tullet. Esta era uma obra bastante atrativa, uma vez que tinha as várias cores e como se podiam formar outras cores, capaz de provocar grande interatividade nas crianças. Foi uma experiência muito interessante, uma vez que proporcionámos uma leitura bastante mais dinâmica, fazendo com que todas as crianças participassem e interagissem na história, já que este assim o permitia. Este livro permitiu trabalhar as cores primárias, os conjuntos através das cores, os números e o padrão.



Figura 1 – Atividade “*As cores mágicas*”

De seguida, foi feita uma experiência com as cores primárias abordadas no livro, para que as crianças percebessem as combinações

das cores primárias. Esta experiência foi elaborada com (copos de água e com várias tintas). Por fim, foi elaborado o registo das cores com as mãos das crianças, (onde estas pintavam uma mão de cada cor resultando uma cor secundária e assim sucessivamente). Depois de fazerem este registo as crianças perceberam que se misturassem uma cor primária e uma secundária iriam obter uma outra cor. Foi notável e enriquecedor para nós o contentamento do grupo, as crianças mostraram-se muito recetivas e entusiasmadas tanto pela leitura do livro como pela experiência. Nesta fase, as crianças aprenderam conceitos no domínio da linguagem oral, da matemática, como por exemplo, a seriação, padrões e contagem.

3.3. Projeto “A Água”

3.3.1. Como Surgiu

O projeto a pôr em prática na semana de 3 a 17 de maio nasceu através da visita ao “Museu da Água”. Chegadas à sala, as crianças mostraram-se bastantes empolgadas com o museu e com várias questões a colocar, surgindo uma teia de conceitos (Apêndice 1). Segundo Munari (1982, p.14) e Vasconcelos (1998, p.14), “formula-se o problema ou as questões a investigar, definem-se as dificuldades a resolver, e o assunto a estudar.” A teia inicial foi composta com a pergunta “o que gostávamos de descobrir sobre a água?” seguida das várias questões propostas pelas crianças:

- “O que são gotas de água”? / “Quem foi o primeiro peixe do mundo?”
- “Como as gotas conseguem cair?”/ “De onde vêm as algas?”
- “Porque é que há ondas do mar?” / “Como é que o mundo tem tanta água?”

- “Porque o gelo flutua?” / “Porque é que a água do chuveiro não acaba?” (...)

O desenvolvimento deste projeto teve como justificação a escassez de água, já que esta é uma questão cada vez mais preocupante em todo o mundo e é importante refletir e torna-la conhecida para o futuro das nossas gerações. Como tal, a água é um bem essencial à vida e talvez o recurso mais precioso da Terra. É nosso dever enquanto futuras educadoras alertar no sentido de que a sua utilização de forma irresponsável e supérflua, não pode e nem deve ser assim, alertando assim as crianças para o uso correto deste recurso natural. Esta prática deveria começar em casa, no entanto cabe-nos a nós explorá-la em contexto educativo. Como as próprias OCEPE (1997,p.84) referem “ a educação ambiental relaciona-se com a educação para a saúde (...) incluindo os cuidados com a preservação do meio ambiente”.

3.3.2. Como se desenvolveu

3.3.3. Atividades Desenvolvidas

Para relançar o tema “ A Água” foi proposta a primeira atividade com o livro “O Homem de Água”. Esta teve início com a leitura do livro, fomentando e sensibilizando as crianças para a importância da água e a sua escassez. De seguida, foram feitas várias questões às crianças de forma a apurar se de fato tinham compreendido a mensagem do livro, destacando-se as seguintes: “Como era o homem de água?”/ “Porque é que as pessoas se assustavam quando viam o homem de água?”/ “O que fazia o homem de água durante a noite?”/ “O homem de água era malvado?”

As crianças mostraram perceber a mensagem na plenitude, uma vez que responderam às questões de forma rápida, direta e muito

perspicaz. Posteriormente, foi apresentada a maquete da casa representada no livro (Figura:2-3).



Figura 2-3: *Maquete da casa/casa vista do interior*

Esta maquete tinha como objetivo mostrar às crianças, o percurso da água nas nossas casas, as divisões que tem água e ao mesmo tempo que mostrávamos a casa íamos tendo uma conversa com o grande grupo, sobre como a água chega às nossas casas, dicas para poupar a água, porque é que a água é importante. Para finalizar este processo, foi feito o registo da casa através da observação das crianças.



Figura 4-5: *Registo feito pelas crianças*

A atividade seguinte estava interligada à anterior e consistia numa reflexão sobre a leitura do livro “O Homem de Água” com as várias questões feitas na atividade anterior. As questões foram as seguintes: “Como era o homem de água?"/ “Porque é que as pessoas se assustavam quando viam o homem de água?"/ “O que fazia o homem de água durante a noite?” / “O homem de água era malvado?” Assim, de seguida foi feita a construção do “Homem de Água” (em papel de acetato) (Figura:6) e as questões e respostas apresentadas pelas crianças. Foram feitos também origamis de barcos sugeridos por uma das crianças para colar no trabalho elaborado pelas mesmas. Nesta atividade, na anterior e nas próximas tivemos a preocupação de proporcionar às crianças o contato com diferentes materiais, como o papel de acetato, o papel vegetal, papel canelado entre outros. Para finalizar a nossa atividade, fizemos o jogo da “Chuva de Palavras” onde o objetivo era evocarem palavras relacionadas com o termo água. Este jogo tinha como finalidade desenvolver a complexidade do vocabulário, estimular e enriquecer o jogo simbólico.

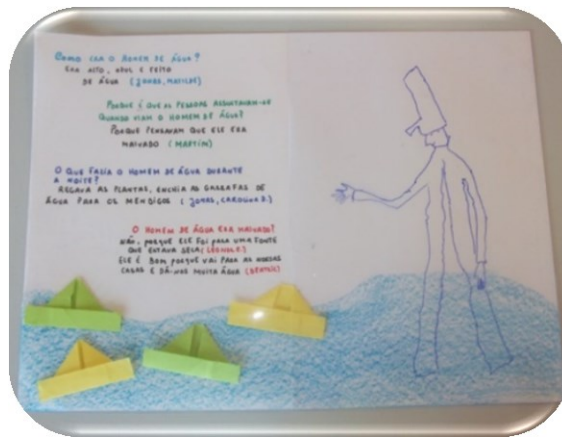


Figura 6: Reflexão do livro e construção do Homem de água

É importante salientar que nesta atividade e nas outras tivemos o cuidado de trabalhar as diferentes áreas como a formação pessoal e social; área de expressão e comunicação; domínio das expressões (motora, dramática, plástica e musical), domínio da linguagem oral e a abordagem a escrita; domínio da matemática e área do conhecimento do mundo.

A atividade seguinte no decorrer do nosso projeto sobre a “Água” surgiu, com uma conversa em grande grupo de como podíamos poupar água, realçando que há crianças que não têm acesso a água com tanta facilidade como nós. Através da intervenção de uma das crianças foi feito uma “chuva de ideias” em que as crianças enunciaram dicas de que como poupar água. Assim, surgiu a ideia por parte das crianças de elaborar um cartaz de sensibilização. A forma como o registo foi feito realizou-se da seguinte forma: As crianças desenharam-se a si próprias e depois com o nosso auxílio faziam um balão onde davam a sua dica para poupar água. (Figura:7) Esta atividade teve como objetivos sensibilizar as crianças para a importância da água e a sua escassez em alguns países, fomentar o debate de ideias pelo grupo e promover a expressão oral

sobre determinados problemas. Esta atividade foi bem aceite pelas crianças mostrando-se bastantes entusiasmadas e criativas.



Figura 7: *Cartaz de sensibilização*

A seguinte proposta foi uma visita ao “Museu da Ciência” no departamento de zoologia. Esta atividade teve como objetivo, enriquecer as experiências das crianças, desenvolver o espírito de observação, atenção e compreensão, identificar diferentes partes constituintes dos animais e reconhecer alguns aspetos das características físicas e modos de vida destes. Em concordância com a visita anterior surgiu uma nova atividade (Figura:8) como objetivo de fomentar a recordação dos animais vistos anteriormente. Inicialmente começamos a conversar com o grupo sobre os diferentes habitats (mar e rio) destes animais. Algumas crianças já conseguem distinguir que no mar a água é salgada e no rio é água doce, enquanto outras não conseguem fazer essa distinção.

A atividade pressupôs fazer um registo no mapa de Portugal, começando por definir os principais rios (Rio Minho, Douro, Mondego, Tejo, Sado e Guadiana) e onde fica o mar. Posteriormente apresentámos diferentes animais, falando do seu habitat, do rio e do mar e as crianças tinham de ir pesquisar no computador as características destes animais,

tudo isto com o nosso apoio. De seguida, estas características foram escritas em folhas e coladas no mapa fazendo a correspondência dos animais que viviam no mar e no rio. Esta atividade era um pouco mais complexa, havendo mesmo crianças que mostraram mais dificuldades em concretiza-la, mas considero que é importante proporcionar novos desafios às crianças, de forma a estimulá-las. Esta atividade teve como objetivo reconhecer os diferentes habitats, identificar e selecionar os animais de cada habitat e reconhecer os diferentes estados da água.



Figura 8: Atividade dos “animais que vivem no rio e no mar”

Para finalizar foi importante mostrar às crianças uma obra de pintura relacionada com a água neste caso apresentamos um pequeno PowerPoint sobre o pintor Caravaggio e a sua obra do reflexo na água. A apresentação começou por mostrar um bocadinho do quadro e as crianças tinham de adivinhar o que era, até verem o quadro todo.

De seguida fizemos uma experiência em que consistia em mostrar às crianças o seu reflexo na água. No último dia de estágio preparamos uma surpresa às crianças, e convidamos os trovadores do

mondego para contarem a lenda do mondego, uma vez que uma das crianças nos questionou porque o rio se chamava rio mondego. Achamos interessante o facto de os trovadores participarem no nosso projeto uma vez que assim o permitia conciliar. Porém, é importante proporcionar as crianças o património cultural, desenvolvendo assim o gosto por uma bela lenda e por vários fados.

3.3.4. Divulgação/ Avaliação

Na última fase do projeto no que diz respeito à divulgação, este foi feito através da exposição dos trabalhos das crianças num placar da sala. “Através da exposição, é dado o devido relevo ao significado geral e partilhado das coisas. As provas do trabalho desenvolvido pelas crianças expostas na sala de atividades é formalmente útil (...)” (Katz e Chard, 2009, p.176)

No projeto demos muita relevância às “vozes das crianças” tendo o cuidado na maioria das atividades de realçar alguma documentação dada pela criança. Como afirma Katz e Chard (2009), “a documentação permite recolher todas as evidências do processo de desenvolvimento de um projeto e, simultaneamente, devolve-nos em espelho, o conjunto de aprendizagens realizadas pelas crianças.”

As famílias avaliam-nos através da divulgação e do entusiasmo que as crianças manifestam quando vão para casa e falam aos pais do que fizeram, dizendo se gostaram da atividade ou não. A divulgação do nosso projeto foi feita em CD, tendo sido entregue um exemplar a cada um dos pais, uma vez que o nosso objetivo foi mostrar todas as atividades realizadas com as crianças, apresentando também um agradecimento muito especial a estas.

PARTE II

Experiências-Chave

Capítulo IV – A Importância do Brincar

Nas salas de jardim-de-infância brincar faz parte da rotina diária das crianças. Ao escolherem as áreas preferidas, ao negociarem o tempo e o espaço, tendo em conta as regras estabelecidas pela educadora, as crianças não abdicam do que mais as diverte. Mas afinal o que é brincar? Brincar é criar, imaginar e interagir com os outros, brincar não só desenvolve o lado motor da criança como também promove os processos de socialização e descoberta do mundo. Brincar é um direito universal de todas as crianças, através de atividades lúdicas, exploram o seu mundo interior, imitando as ações dos adultos. São vários os autores que defendem a importância do brincar no quotidiano, entre eles destacam-se Piaget, Froebel e Vygotsky. Cada um com a sua teoria, mas todos com a mesma ideia de que brincar é imprescindível para o desenvolvimento da criança.

“Brincar é voar na Imaginação” (Barriga, 2010,p.42)

4.1. Tipos do Brincar

Esta atividade é muito frequente na faixa etária dos dois aos seis anos. Para Piaget (1951 p.27), este é o “ período do desenvolvimento infantil mais importante para o brincar ”. Das várias vivências que experienciei, o exterior era o espaço de eleição da maioria das crianças, era aqui que podiam brincar de forma livre, sem limitações, muitas brincavam com objetos que traziam de casa, outras crianças ao “faz de conta”. Segundo Lillard, (1993 p.130) “o brincar está comumente definido como uma atividade que tem por objetivo a diversão, enquanto a simulação envolve uma realidade que se sobrepõe à outra, mantendo, assim protege-la, encobri-la ou disfarça-la.” A brincadeira de “faz de conta” era um comportamento muito comum manifestado pelas crianças, tanto na área da casinha como no exterior. As crianças fingiam que eram médicas, professoras ou até mesmo imitando os pais através de ações

vivenciadas em casa. Nesse sentido as crianças exploram a imaginação, uma vez que imaginam os objetos mesmo quando estes não estão ao seu redor. A imaginação pode também envolver os tais papéis imaginários e situações vivenciadas como por exemplo, fingindo ser uma “princesa que espera o seu príncipe”. Outro tipo de brincar era as construções, onde as crianças faziam o encaixe e a construção. Esta área existia na sala e era eleita também por algumas crianças, nomeadamente as crianças dos quatro anos. Neste espaço faziam várias construções, modelando um animal, naves espaciais e monstros, elas gostavam nomeadamente de empilhar e de seguida derrubar este tipo de material.

As crianças quando brincam com blocos de construção obtêm conhecimentos de forma implícita, as suas construções podem assim tomar a forma de castelos, aviões, torres, árvores ou carros. Em muitas das crianças era visível todo este processo, o da construção e depois o da imaginação, já que muitas crianças depois brincavam ao faz de conta com estes objetos. Vygotsky, (1984 p. 141) “diz que as crianças muito pequenas primeiro constroem alguma coisa para só depois nomeá-la, enquanto as crianças mais velhas dão o nome às suas construções antes de fazê-las.”

Os jogos com regras definidas também era um dos preferidos pelas crianças, e muito respeitado por estas. Para Piaget (1997 p.144) “as regras distinguem duas categorias: as impostas pelo grupo e as construídas espontaneamente. A regra espontânea é aquela que surge no momento e tem mais flexibilidade do que a regra imposta pelo grupo.”

4.2. O Papel dos adultos no brincar

Que necessidades precisam de ser satisfeitas para assegurar um brincar de qualidade? Segundo o Relatório Rumbold (1990 p.104) “existe uma lista de condições necessárias para se compreender o valor potencial do brincar. Estas incluem uma preocupação com: intervenção e

envolvimento por parte do adulto, planeamento e organização de ambientes lúdicos, materiais que estimulem as crianças e observação das atividades das crianças para facilitar a avaliação e o planeamento da progressão da criança.” O adulto deve estimular a imaginação das crianças, despertando ideias, questionando-as de forma a procurarem as soluções para os problemas. Para além disso, é muito importante que o adulto brinque com a criança, porque assim está a reforçar laços afetivos, está ajuda-la a crescer e está a elevar o seu interesse, estimulando a sua imaginação. A criança precisa de tempo e espaço para brincar, por isso é importante proporcionar um ambiente rico para a brincadeira e estimular a atividade lúdica tanto no ambiente familiar como no jardim-de-infância. Piaget (1976, p.165) diz que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança. Afirmando assim:

“O jogo é, portanto sob as suas duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação da real á atividade própria, fornecendo a esta o alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu (...) É a brincar que a criança aprende o que mais ninguém lhe pode ensinar”. (Piaget 1976, p.160)

4.3. A Aprendizagem por meio da brincadeira

Segundo Spodek e Saracho (1988, p.215), “existe uma diferenciação entre a brincadeira educativa e a brincadeira não-educativa, a diferença não está nas atividades, mas sim nos objetivos atribuídos à brincadeira pelas pessoas responsáveis pelas atividades das crianças. A brincadeira educativa tem como objetivo primário a aprendizagem”. Na sala onde estive a estagiar era frequente um grupo de crianças pedirem à educadora para representarem uma peça de teatro, para apresentar aos outros meninos. Este teatro muitas das vezes

começava pela construção da história, e com a construção de fantoches elaborados pelas crianças com uma pequena ajuda da educadora ou das estagiárias. Cada uma identificava a sua tarefa. Inicialmente o grupo tratava da história, duas crianças ocupavam-se dos fantoches, outras faziam a elaboração de um convite para a outra sala e por fim havia uma criança que apresentava a peça. Tudo isto significa que as crianças sentem uma satisfação pessoal aquando da representação para as outras crianças, e assim estão a assumir uma brincadeira educativa. Segundo Spodek e Saracho (1988, p.217), “no jardim-de-infância existem quatro tipos de brincadeiras educativas: brincadeiras manipulativas, brincadeiras motoras, brincadeiras dramáticas e os jogos”. Na sala onde realizei o meu estágio era visível este tipo de brincadeiras e as crianças eram muito recetivas nas áreas em que estas se encontravam.

Capítulo V – Trabalho de Projeto

Como foi referido anteriormente no Capítulo III no final do estágio, foi posto em prática um projeto que foi desenvolvido juntamente com as crianças. O Projeto intitulava-se Projeto “A Água” e tinha como principal objetivo transmitir às crianças a responsabilidade de economizar a água, dando-lhes a perceber que é necessário escolher boas práticas para poupar água.

Este é um tema muito abrangente e que nos levou a falar de vários subtemas propostos pelas crianças. Especificamente, os objetivos deste projeto eram: consciencializar para escassez de água e a sua economia, proporcionar atividades lúdicas, desenvolver a complexidade do vocabulário através do jogo, fomentar o debate de ideias pelo grupo e proporcionar à criança o acesso ao património cultural.

5.1. Mas o que é um projeto

De acordo com Katz e Chard (1989, p.2 - 3), “um projeto é um estudo em profundidade de um determinado tópico que uma ou mais crianças fazem e consiste também na exploração de um tema. ”Esta metodologia reflete o ponto de vista da criança e os interesses dela, dando ênfase ao papel do educador no incentivo à interação com pessoas, objetos e com o ambiente e a participação ativa das crianças nos projetos. “Os objetivos desta abordagem é incentivar as crianças a colocarem questões, a resolverem dificuldades e a aumentar a sua curiosidade por fenómenos que as rodeiam.” (Katz e Chard, 1989,p.4)

5.2. Objetivos do Trabalho de projeto

Segundo Katz e Chard (1997, p.5) o primeiro objetivo e global desta abordagem é “ cultivar a vida e a mente da criança mais nova”. Um segundo objetivo é incentivar as crianças na colocação de questões, na resolução de dificuldades, e aumentar a curiosidade de fenómenos significativos que as rodeiam. E em terceiro e último, o trabalho de projeto oferece a oportunidade da criança se tornar autónoma.

5.3. Diferentes fases de um projeto

Para a implementação do projeto, seguimos como modelo as fases definidas por Katz e Chard (1997,p.168). A primeira fase denomina-se planeamento. Um projeto pode começar quando uma ou mais crianças se interessam por algo que atrai a sua atenção. Segundo Katz e Chard (1997,p.172) o ponto principal desta fase é estabelecer uma partilha de informações, ideias e experiências que as crianças já tenham acerca do tópico. No início do nosso projeto o que fizemos primeiramente foi provocar o debate em grande grupo, para que as crianças participassem com as suas ideias relativamente ao ” Museu da

água” e o que “gostavam de saber mais”. Logo de seguida construímos uma rede de conceitos. Depois do debate, passamos para a realização de algumas atividades pensadas a partir das questões feitas na teia.

Na segunda e terceira fase do projeto, realizámos um conjunto de atividades propostas pelas crianças na teia inicial e também algumas atividades propostas por nós, que considerámos importantes.

Na última fase deste projeto, no que diz respeito à divulgação, foi elaborada uma exposição que reunia os trabalhos das crianças num placar da sala. Segundo Vasconcelos (1998, p.68), “ o grupo deve divulgar o seu trabalho, para isso tem de pensar a quem se destina a divulgação, pois disso depende a forma de transmitir a informação recolhida ou os conhecimentos adquiridos de modo a torna-lo acessíveis.”

No projeto demos muita relevância à “voz das crianças” tendo o cuidado na maioria das atividades de realçar alguma documentação dada pela criança.

Como afirma Malaguzzi (2003, citado por Barbosa e Horn,2008 p.94), “ documentar com as crianças serve para três funções: oferecer às crianças uma memória do que disseram e fizeram (...) oferecer aos educadores uma ferramenta para a compreensão e oferecer à comunidade algumas informações detalhadas sobre o que ocorre nas escolas.” A divulgação do nosso projeto foi feita em CD. Dado que um dos nossos objetivos era mostrar todas as atividades realizadas com as crianças foi entregue um exemplar a cada um dos pais, apresentando também um agradecimento muito especial a estas crianças por todo o tempo de acolhimento.

5.4. O porquê de adotar o trabalho de projeto

Na abordagem de projeto o educador é apenas um mediador da aprendizagem das crianças. Esta abordagem centra nas crianças a participação e constrói o seu próprio processo de aprendizagem. O objetivo é o envolvimento na experiência e construção de aprendizagens contínuas e interativas. A imagem da criança é a de ser competente, que participa com liberdade, agência, inteligência e sensibilidade uma vez que o processo de ensino-aprendizagem se baseia na colaboração quotidiana entre o educador e a criança. A imagem do educador, é a de organizador de um ambiente de escuta e observação, onde há entendimento e resposta.

“Uma pedagogia da infância participativa é, na essência, a criação de espaços-tempos pedagógicos onde as interações e relações sustentam atividades e projetos que permitem às crianças co construir a sua própria aprendizagem e celebrar as suas realizações”. (Formosinho & Oliveira-Formosinho, 2008)

“A educação Pré-Escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida. Assim, durante esta etapa é importante salientar que se criem as condições necessárias para as crianças continuarem a aprender, ou seja, importa que as crianças aprendam a aprender”. (ME, p.17)

Foi muito gratificante vivenciar todo este processo de aprendizagem, em que as crianças aprendem por elas por elas próprias, sem que o trabalho seja feito por um adulto, apesar do apoio dado, sempre que necessário. Trabalhar com a abordagem de projeto foi uma mais-valia para mim e também mais uma experiência a guardar. Esta abordagem ensinou-me que um dos pontos fulcrais de uma educadora é saber ouvir as crianças.

Capítulo VI – Organização dos espaços na Educação Pré-escolar

“ (...) Para a criança o espaço é a sombra da escuridão; é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno; é poder correr ou ter de ficar quieto, é esse lugar onde pode ir olhar, ler, pensar. O espaço é em cima, em baixo, é tocar ou não chegar a tocar; é barulho forte, forte demais ou, pelo contrário, silêncio, são tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor. O espaço, então, começa quando abrimos os olhos pela manhã em cada despertar do sono; desde quando, com a luz, retornamos ao espaço.” (Fornero e Zabalza, 1998, p.231)

6.1. Importância dos Espaços e do Meio

Vários autores discutem a importância do espaço no desenvolvimento infantil. Segundo Piaget (1978, p.127), “a representação do espaço para a criança é uma construção internalizada a partir das ações e das manipulações sobre o ambiente espacial próximo do qual ela faz parte”. Frago (1998) “as estruturas topológicas na infância, destacando a valorização das experiências sensoriais em casa e no jardim-de-infância como fatores essenciais no desenvolvimento sensorial e cognitivo”. Deste modo, não basta só a criança estar num espaço organizado de modo a desafiar as suas competências, é necessário que ela interaja com esse espaço para vivê-lo intencionalmente. Galvão (1995) afirma que o meio é entendido como “o campo onde a criança aplica as condutas de que dispõe, ao mesmo tempo é dele que retira os recursos para a sua ação”. São vários os autores que defendem a importância do meio entre eles destacam-se: Wallon (1989) e Vygotsky (1984). Na visão de ambos os autores “o meio social é o fator preponderante no desenvolvimento de indivíduos”. Segundo Wallon (1989), a criança ao nascer é provida de meios que lhe proporcionam agir sobre o mundo que a cerca. Portanto entende-se assim

que um “bebé sozinho não sobrevive, e que a sobrevivência depende da intermediação de parcerias mais experientes”. (Wallon 1989)

Assim, para Wallon (1989) o meio toma uma importância significativa, como o papel do grupo, podendo inferir-se que os espaços destinados às crianças deverão ser desafiadores e acolhedores, pois proporcionam interações entre elas e delas com os adultos. Para Vygotsky (1984) “a criança é produtora de conhecimento não é um mero recetor, é ao contrário, um sujeito ativo, que em interação com o meio social, constrói e reconstrói o mundo em relação a uma dialética”.

6.2.Organização dos Espaços e dos Materiais

De acordo com Blake, (1977); Patillo e Vaughan (1992) as salas, por norma, devem ser divididas em áreas, e como tal tudo deve ser planeado de forma a proporcionar atividades baseadas nos interesses das crianças e que as estimulem. As atividades devem estar de acordo com o grau e ritmo de desenvolvimento das crianças. É muito importante que a sala seja centrada na criança, e não o inverso no educador. Deve permitir-se uma maior participação das crianças em sala, como por exemplo, atribuir a tarefa de limpar a sala, como acontecia na sala onde estagiei. A criança deve ser ativa e andar na sala de forma livre e independente. O educador e as crianças devem planear juntas as áreas da sala, procurando assim os interesses das crianças, também podem fazer juntos uma reunião em grande grupo para informar qual o número de crianças por cada área, quais os materiais que estão disponíveis. Na sala onde estagiei eram as crianças que escolhiam a área para onde queriam ir. Existia um sistema de cartões com a fotografia da respetiva criança e cada uma delas escolhia a área onde queria estar. No entanto se uma das áreas estivesse completa teria de escolher outra. As crianças eram muito independentes na sala e andava de forma ativa, sabiam onde se

encontravam os materiais, sendo que os mais utilizados no dia-a-dia estavam dispostos de forma o seu acesso fosse fácil para as crianças, as crianças tinham também tarefas. Todos os dias, uma ou duas crianças tinham como tarefa a limpeza da sala mais propriamente “varrer a sala e limpar as mesas”.

6.3.Organização das crianças

Nas salas, as crianças eram organizadas em grande grupo ou em pequenos grupos. Normalmente as crianças trabalhavam melhor em grupos mais pequenos e assim conseguíamos dar uma atenção mais individualizada. Este tipo de atenção permitia assim que a criança realizasse a atividade ao seu ritmo.

Capítulo VII – As Relações entre Pares

7.1. A influência dos Pares

Cada vez mais as crianças aprendem umas com as outras, umas querem ser líderes e outras acabam por se isolar. Segundo Winkler (1975), quando as crianças são aceites pelos seus pares, tornam-se mais confiantes e muito mais seguras, ou seja, têm um melhor desempenho.

Por outro lado como o autor afirma uma “aceitação incerta ou parcial torna as crianças ansiosas, sentem-se rejeitadas e podem até ficar com traumas e agir agressivamente. As crianças podem também ser influenciadas pelos seus pares dependendo da sua idade, maturidade, habilidades sociais e deficiências que possam ter. Por exemplo, enquanto estive a estagiar havia crianças, principalmente as que estavam na faixa etária dos cinco seis anos, que eram influenciadas por outras crianças. Winkler (1975), diz que “as crianças mais pequenas não são tão influenciadas por os seus grupos de pares quanto a mais velhas, sendo os

elogios dos adultos e da família muito mais relevantes para elas do que a aprovação das outras crianças.”

7.2. A influência do Educador

Walberg, Rosenshine e Stevens (1986) dizem que o “educador é o fator mais importante na determinação de como as crianças se sentem com a relação ao jardim-de-infância, a si mesmas e umas às outras.” Brophy e Putnam (1979) enumeraram algumas qualidades dos educadores eficientes tais como: os educadores devem ser apreciados pelas crianças, devem ser alegres, simpáticos, emocionalmente maduros, sinceros, bem ajustados, devem manter a calma nos momentos de crise das crianças, ouvir as crianças, evitar os conflitos, e manter a orientação de solução de problemas. Jersild (1965) observou que os problemas pessoais dos educadores podem interferir no seu desempenho em sala e influenciar as crianças. Já o autor Combs (1965) mostrou que os “educadores eficientes distinguem-se pelas suas atitudes positivas em relação a si mesmos e aos outros.” Combs (1965) mostrou a importância de “promover autoconceitos positivos entre os educadores e afirmou que aqueles que têm uma atitude positiva para si mesmos e para os outros podem melhorar o autoconceito das crianças.”

7.3. Estratégias para promover interações entre as crianças

Simpson (1987) diz que a interação social deve ser recíproca, “o treinamento para aperfeiçoar as interações entre as crianças requer um modelo socialmente competente.” As crianças precisam de aprender a interagir entre si, com respostas sociais que se mantenham sem o estímulo do educador como o próprio autor indica. McConnell (1987) diz que “as crianças precisam de aprender comportamentos que os seus pares vão reforçar naturalmente”, comportamentos que devem ser

desejáveis para contribuir para o desenvolvimento da competência social e estimular respostas reforçadoras nos pares.

Capítulo VIII – Ideias das crianças sobre o jardim-de-infância

O objetivo fulcral desta investigação era, assumindo o papel de estagiária, tentar perceber e aprofundar o que pensam as crianças acerca da sua experiência e vivência diária no jardim-de-infância.

8.1. Objetivos da Investigação

A presente investigação visa debruçar-se sobre o que as crianças pensam acerca da sua experiência no quotidiano do jardim-de-infância, tentando desta forma perceber, se as crianças acham que sabem porque vem ao J.I. Assim, foram feitas várias questões relativas à vivência diária no J.I. tais como: (É importante vir a escola?/ Gostam de vir à escola?; Porque é que vêm á escola?; O que mais gostam de fazer na escola?; O que menos gostam de fazer na escola?; O que gostavam que a escola tivesse que não tem? e Quem decide na Escola?)

8.2. Amostra

Foram realizadas entrevistas com 28 crianças de ambos os sexos, que frequentavam ambas as salas do jardim-de-infância, adotando assim as mesmas opções pedagógicas.

8.3. Tipo de Investigação e instrumentos de recolha de dados

Este tipo de investigação é uma investigação designada de qualitativa e “descritiva”. Segundo Bento (2012, p.2) a descrição deve ser rigorosa e resultar diretamente dos dados recolhidos. Os dados incluem transcrições da entrevista, registos de observações, documentos escritos, fotografias, gravações e vídeos. Os investigadores analisam as notas tomadas em trabalhos de campo, os dados recolhidos, respeitando,

tanto quanto possível, a forma segundo a qual foram registados ou transcritos. O seu Objetivo é obter respostas através das “palavras” e da observação e não através dos números, como acontece com um tipo de investigação quantitativo. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa acontece em ambientes naturais, onde o investigador vai ao local recolher os dados, as questões de investigações podem mudar ou ter uma nova estrutura.

8.4. Análise de dados

Depois de feitas as entrevistas a análise, consistiu na leitura e no áudio para a elaboração e seleção e recolha de todos os dados originando assim as categorias.

“A análise de dados deve ser consistente com a natureza dos dados recolhidos, decorrendo o seu foco das questões e intervenção” (Estrela e Ferreira, p.234)

8.5. Categorização

Após a recolha de dados, o entrevistador procede à categorização dos dados que obteve durante a sua investigação. A categorização diz respeito à classificação de um conjunto de elementos, definidos pelos mesmos critérios. Coelho (2004) refere-se à categorização como sendo um dos “processos centrais da análise dos dados”. E refere-se ainda que esta categorização “corresponde ao desenvolvimento de categorias (...), permitindo a formulação de uma teoria (...) que, baseando-se nos dados, explique o fenómeno em estudo” (p.232-233)

Depois das entrevistas (Apêndice 4) feitas às crianças, foi feita a categorização das mesmas.

Quadro 1 – Resultados da 1ª questão da entrevista

Questões	Categorias	Resultados
É importante vir a escola?/ Gostam de vir à escola?	Sim	23
	Não	1
	Mais ou menos	2
	Não respondeu	2
	Total	28

Em relação à 1ª questão “*É importante vir a escola?/ Gostam de vir à escola?*” foram obtidas 28 respostas, sendo que destas, a grande maioria foram sim, ou seja, a maioria das crianças gosta de vir a escola.

Quadro 2 – Resultados da 2ª questão da entrevista

Questões	Categorias	Resultados
Porque é que vêm á escola?	<i>Obrigam-me a fazer coisas</i>	1
	<i>Aprender a ler, a escrever, a fazer contas, a fazer desenhos, a pintar</i>	20
	<i>Aprender a não magoar os outros</i>	1
	<i>Para brincar</i>	1
	<i>Aprender a portar bem</i>	5
	<i>Para falar e fazer reuniões</i>	1

“*Para aprender a ler, a escrever, a fazer contas, a fazer desenhos, e a pintar*” foi a maioria das respostas que as crianças deram à 2ª questão. Nesta obtivemos um total de 29 respostas, uma vez que houve crianças que deram mais do que uma.

A terceira e quarta questão remetem para os interesses das crianças. A partir daqui tentamos perceber o que as crianças gostam mais e menos de fazer no J.I. Enquanto na questão “*o que mais gostam de*

fazer na escola” algumas crianças deram mais do que uma resposta, na questão “*o que gostam menos de fazer na escola?*” houve crianças que não tinham uma resposta ou apenas diziam que gostavam de tudo. As tabelas seguintes mostram os resultados obtidos.

Quadro 3 – Resultados da 3ª questão da entrevista

	Categorias	Resultados
O que mais gostam de fazer na escola?	<i>Estar nas áreas (casinha, computador, pintar, desenhar e ler)</i>	22
	<i>Brincar no exterior</i>	8
	<i>Ajudar</i>	2
	<i>Comer</i>	1
	<i>Trabalhar</i>	1
	Total	34

Quadro 4 – Resultados da 4ª questão da entrevista

	Categorias	Resultados
O que menos gostam de fazer na escola?	<i>Saltar à corda</i>	1
	<i>Brincar na casinha</i>	1
	<i>Da biblioteca</i>	1
	<i>Pintar</i>	1
	<i>Ler livros</i>	1
	<i>Estar sentado</i>	2
	<i>Fazer jogos</i>	4
	<i>Fazer trabalhos</i>	1
	<i>Falar</i>	1
	<i>Andar muito</i>	1
	<i>Estar nas expressões</i>	6
	Total	20

Ao observar as tabelas, segundo as entrevistas efetuadas, conseguimos perceber que a área das expressões é uma das categorias eleitas pelas crianças, mas ao mesmo tempo uma das que as crianças menos gostam. Através das respostas obtidas percebemos também que, o que as crianças mais gostam de fazer não corresponde às suas expectativas do porquê de virem ao J.I, ou seja, embora uma grande maioria afirme que vem à J.I para aprender a ler e a escrever, os seus interesses levam-nos para uma área mais lúdica, o que poderá significar que as crianças não têm uma ideia mais correta acerca do J.I.

A quinta pergunta “*O que gostavam que a escola tivesse que não tem?*” foi aquela que desencadeou o maior número de respostas diferentes.

Quadro 5 – Resultados da 5ª questão da entrevista

	Categorias	Resultados
O que gostavam que a escola tivesse que não tem?	Cama	1
	Candeeiro	1
	Gatos	1
	Árvores	3
	Caixas	1
	Bancos	1
	Carro de corridas	1
	Mais baloiços	2
	Areia	2
	Ninhos	1
	Mais brinquedos	3
	Portas na casinha	1
	Loja de brincar	1
	Total	19

Quanto à perspectiva de quem decide na escola as respostas foram muito variadas, sendo a mais comum “As professoras”, ou seja, as educadoras de infância.

Quadro 6 - Resultado da 6ª questão da entrevista

Quem decide na Escola?	Categorias	Resultados
	Diretor	4
	Ana	9
	Isabel	7
	Lurdes	4
	Fabiana	1
	Dora	2
	Cátia	3
	Estagiárias	5
	Total	28

8.6. Conclusões

Com a realização desta investigação, focalizada nas perspetivas das crianças a cerca do jardim-de-infância, posso concluir que no decorrer das entrevistas as crianças revelam ter uma grande competência para comunicar sobre o seu quotidiano e reconhecem as características do contexto educativo que estão integradas. (Oliveira-Formosinho,2008) O grande desafio para nós, futuras educadoras, é de as ouvir no que têm para nos dizer e de as escutar, ou seja, interpretar as suas falas como centro de compreensão (Oliveira-Formosinho, 2007).

Assim ao interpretar as vozes das crianças posso constatar que a maioria das crianças refere que vêm para a escola para aprender a ler, a escrever, a fazer contas e para brincar. As crianças também revelam gostar de vir ao J.I. uma vez que este lhes proporciona atividades lúdicas e brincadeiras. Nos dados analisados as crianças também tem presente quem decide no J.I.

“ As crianças não devem ser consideradas nem sujeitos, nem objetos, mas participantes” (Woolhead e Faulkner,2000 citado por Oliveira-Formosinho, 2008 p.71)

Considerações Finais

Este relatório retrata o meu percurso de estágio ao longo do mestrado em Educação Pré-Escolar com a finalidade de evidenciar a minha prática pedagógica mostrando assim, os desafios com que me deparei, os medos, inseguranças, bem como as conquistas obtidas ao longo deste tempo de estágio.

Muitas das vezes deparei-me com situações inesperadas, que me deixaram embaraçada e sem resposta. Porém, ao refletir sobre o assunto, tive de assumir a imprevisibilidade das crianças e não dar a conhecer o meu espanto.

A realização deste relatório permitiu-me enquanto futura educadora de infância, refletir sobre o meu percurso de formação, dando relevância ao estágio, aquele que foi uma fonte de várias aprendizagens.

A sua realização traduz um conjunto de competências que durante este período de estágio foram sendo adquiridas. Nele consta a análise reflexiva e descritiva, do conjunto de experiências com que foi deparando dentro de uma sala de jardim-de-infância.

O título escolhido para o relatório relaciona-se com as cinco experiências-chave que foram sendo desenvolvidas ao longo deste documento e por tudo o que vivenciei com as crianças. Cada dia foi vivido como se fosse o último e tenho a certeza que aproveitei ao máximo. Todas as vivências e experiências foram muito gratificantes, ajudando-me a crescer como pessoa e como futura educadora.

“Educar é crescer. E crescer é viver.

Educação é, assim vida no sentido mais

Autentico da palavra”

(Anísio Teixeira s/data)

Referências Bibliográficas

- Coelho, A. (2004) *Educação e Cuidados em creche: Conceptualizações de um grupo de Educadoras*. Dissertação de doutoramento de Ciências da Educação. Universidade de Aveiro
- Estrela, e Ferreira, J. (1997). *Métodos e técnicas de investigação científica em educação*. VII Colóquio nacional. Lisboa
- Folque, M.A. (1989) *As rotinas no jardim-de-infância*. Cadernos de Educação de infância, nº12. Associação de profissionais de educação de infância. Lisboa
- Hohmann, M. e Weikart, D. (2011). *Educar a criança 6ª edição*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- Horn, Maria da Graça S. (2004). *Sabores, cores, sons, aromas – A organização dos espaços na educação infantil*. Artmed. Porto Alegre
- Katz, L. e Chard, S. (2009). *A abordagem por projetos na educação de infância*. 2ª Edição. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Departamento de Educação Básica. Lisboa
- Moyles, Janet R. (2006). *A excelência do Brincar*. Artmed. Porto Alegre
- Moyles, Janet R. (2002). *Só Brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Artmed. Porto Alegre

- Oliveira-Formosinho, J. (2007). *Pedagogia(s) da Infância: Dialogando com o passado construindo o futuro*. Artmed. Porto Alegre
- Oliveira-Formosinho, J. (2008). *A Escola vista pelas Crianças*. Coleção Infância. Porto Editora. Porto
- Piaget, Jean. (1998). *A psicologia da criança*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- Portugal, G. e Laevers F. (2010). *Avaliação em educação pré-escolar - Sistema de Acompanhamento de Crianças (SAC)*. Porto Editora. Porto
- Santos, Santa M. e Cruz, D. (2000). *Brinquedo e Infância – Um guia para pais e Educadores em Creche*. Editor Vozes. Petrópolis
- Spoked, B. e Saracho, O.N. (1998). *Ensinando crianças de três aos oito anos*. Artmed. Porto Alegre
- Vasconcelos, T. (1997). *Ao redor da mesa grande: A prática educativa de Ana*. 4ª Edição. Coleção Infância. Porto Editora. Porto
- Vasconcelos, T., Rocha, C., Loureiro, C., Castro, J., Menau, J. & Sousa, O. (2010). *Trabalho por Projetos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens Integrar Metodologias*. Ministério da Educação e Ciência DGIDC.

Referências Webgráficas

- Cardona, M. (2008). *Contributos para a história do grupo dos profissionais de Educação de Infância em Portugal*.

Acedido em 22 de setembro de 2013

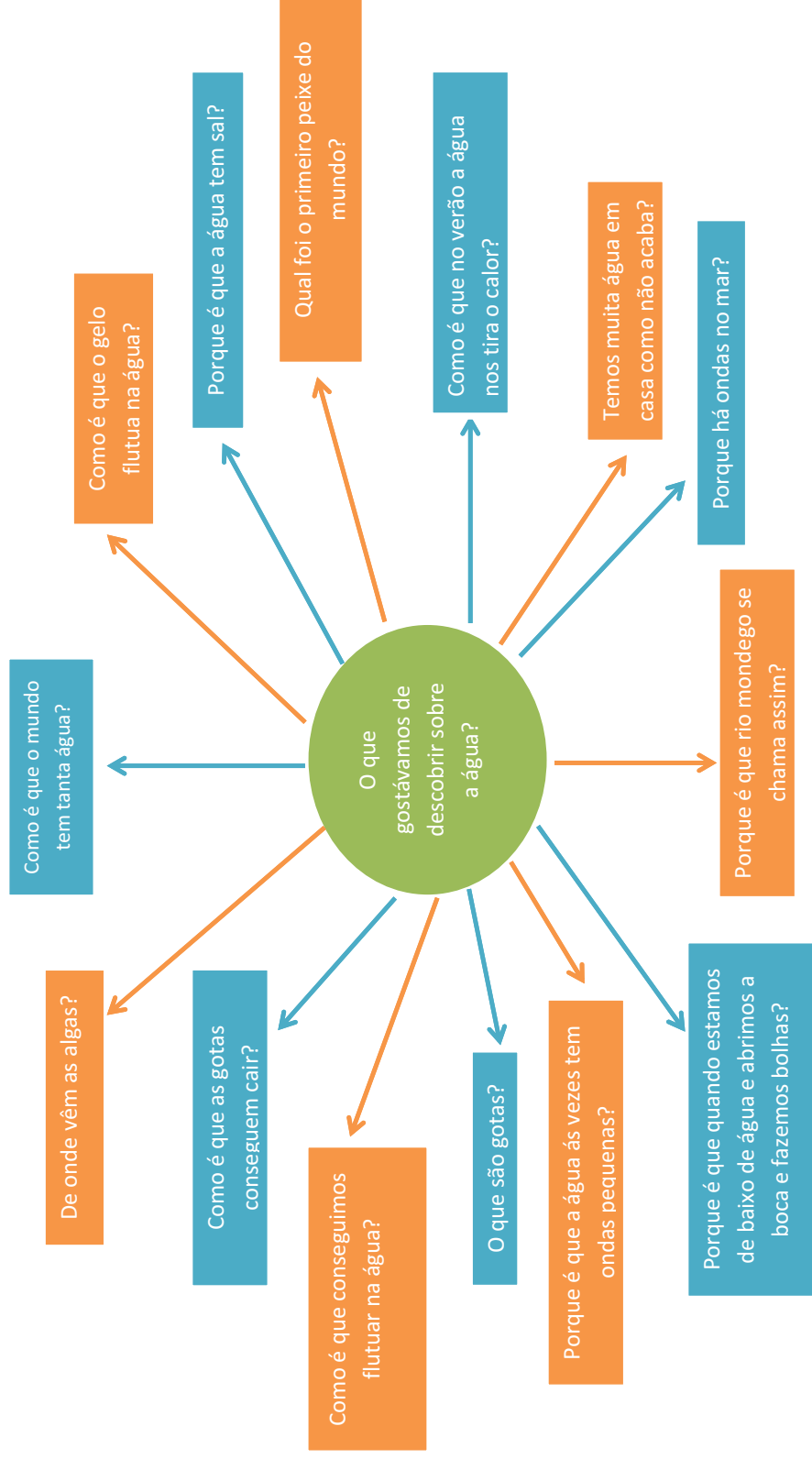
<http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/308/1/11.pdf>

- Lemos, A. (2012). *Dê Asas à sua criança*. Acedido em 25 de setembro de 2013

<http://www.rioeduca.net/blogViews.php?bid=18&id=3080>

Apêndices

Apêndice 1 – Teia de conceitos



APÊNDICE 2 – Ficha 1g

Jardim de Infância:				
Grupo: Heterogéneo			N.º total de Crianças: 12	
N.º de adultos:			Semana de: 9de Jan a 11de Jan	
Observador: Rosana Monteiro				
S	Nome da Criança	Níveis de Bem-Estar Emocional	Níveis de Implicação	Comentários
1	A	1 2 3 4 (5) ?	1 2 3 4 (5) ?	É uma criança que organiza muito bem o seu discurso e faz boas intervenções
2	B	1 (2) 3 4 5 ?	1 (2) 3 4 5 ?	É uma criança muito energética e por vezes distrai-se com a criança que está ao seu lado
3	C	1 2 (3) 4 5 ?	1 2 (3) 4 5 ?	É uma criança muito independente e criativa
4	D	1 2 (3) 4 5 ?	1 2 (3) 4 5 ?	É uma criança muito energética e por vezes distrai-se com a criança que está ao seu lado
5	E	1 2 3 (4) 5 ?	1 2 3 (4) 5 ?	Criança muito criativa e independente
6	F	1 (2) 3 4 5 ?	1 (2) 3 4 5 ?	É uma criança muito imaginativa, distraíndo-se com facilidade
7	G	1 2 3 4 (5) ?	1 2 3 4 (5) ?	Criança com excelente desenvolvimento
8	H	1 2 3 (4) 5 ?	1 2 3 (4) 5 ?	É uma criança muito imaginativa, distraíndo-se com facilidade
9	I	1 2 3 4 (5) ?	1 2 3 4 (5) ?	Criança com excelente desenvolvimento
10	J	1 2 (3) 4 5 ?	1 2 (3) 4 5 ?	É uma criança muito imaginativa, distraíndo-se com facilidade
11	K	1 2 (3) 4 5 ?	1 2 (3) 4 5 ?	É uma criança muito inteligente, mas distrai-se com muita facilidade
12	L	1 2 3 (4) 5 ?	1 2 3 (4) 5 ?	É dos mais novos da sala e é uma criança muito meiga e certinha

Jardim de Infância:				
Grupo: Heterogéneo			N.º total de Crianças: 12	
N.º de adultos:			Semana de: 17abr a 19de abr	
Observador: Rosana Monteiro				
S	Nome da Criança	Níveis de Bem-Estar Emocional	Níveis de Implicação	Comentários
1	A	1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	É uma criança que organiza muito bem o seu discurso e faz boas intervenções
2	B	1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	É uma criança muito energética e por vezes distrai-se com a criança que está ao seu lado
3	C	1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	É uma criança muito independente e criativa
4	D	1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	É uma criança muito energética e por vezes distrai-se com a criança que está ao seu lado
5	E	1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	Criança muito criativa e independente
6	F	1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	É uma criança muito imaginativa, distraíndo-se com facilidade
7	G	1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	Criança com excelente desenvolvimento
8	H	1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	É uma criança muito imaginativa, distraíndo-se com facilidade
9	I	1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	Criança com excelente desenvolvimento
10	J	1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	É uma criança muito imaginativa, distraíndo-se com facilidade
11	K	1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	É uma criança muito inteligente, mas distrai-se com muita facilidade
12	L	1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	É dos mais novos da sala e é uma criança muito meiga e certinha

Apêndice 3 – Ficha 2g

ANÁLISE DO GRUPO	
O QUE ME AGRADA	O QUE ME PREOCUPA
<p><i>O que está a correr bem?</i></p> <p>Que aspectos positivos se devem realçar como evidências de bons níveis de bem-estar e implicação no grupo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O ambiente educativo que se estabelece dentro das salas de atividades é bastante positivo, podendo-se evidenciar a boa relação que se estabelece entre o grupo e os adultos; • A forma como as crianças encaram as atividades é bastante positivo, mostrando assim, o seu potencial e os níveis de implicação no que fazem; • As crianças quando estão envolvidas nas atividades e brincadeiras demonstram energia e bem-estar físico e emocional, demonstrando-o na forma como reagem e comunicam. 	<p><i>O que é preocupante?</i></p> <p>Que aspectos me inquietam e impressionam relativamente às evidências de neutro ou fracos níveis de bem-estar e implicação no grupo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Existem crianças que têm preferência por uma determinada área, escolhendo sempre a mesma. O facto de por vezes não poderem ir para a área escolhida para dar a vez a outros, provoca birras e níveis baixos de bem-estar emocional; • Preocupa-me alguns casos como o de uma menina que não brinca com mais meninos a não ser aquelas duas meninas, um menino que anda sempre a bater nos outros meninos e um outro menino que tem problemas a nível da fala.

ANÁLISE DO CONTEXTO

FACTORES QUE CONTRIBUEM PARA ALTOS NÍVEIS DE BEM-ESTAR E IMPLICAÇÃO

1. Ambiente estimulante (estruturas bem equipadas, variedade de materiais e experiências, etc):

A sala está dividida em áreas o que permite à criança desenvolver-se a vários níveis. Todos se encontram com bons equipamentos, com materiais diversos e variados.

2. Atmosfera positiva e bom clima de grupo (atmosfera agradável, interações positivas, sentido de pertença, etc):

Considero que existe um bom ambiente no grupo o que se resume na existência de interações positivas.

3. Espaço para iniciativa (é favorecida a escolha das crianças relativamente a actividades, assuntos, negociações, regras, etc):

São crianças que escolhem as áreas onde querem brincar o que demonstra os altos níveis de bem-estar emocional.

4. Organização eficiente (plano do dia acessível e voltado para as crianças, gestão de tempo sem momentos “vazios/mortos”, orientação e acompanhamento adequados, gestão do grupo apropriada, etc...)

FACTORES QUE CONTRIBUEM PARA BAIXOS NÍVEIS DE BEM-ESTAR E IMPLICAÇÃO

1. Ambiente empobrecido (infraestruturas limitadas, material desgastado e inadequado, oferta diminuta de experiências, etc):

2. Atmosfera inibidora e fraco clima de grupo (interacções frias, demasiado ruído ou silêncios constrangedores, crianças e adultos da sala mantêm contactos fúgazes e impessoais, etc):

3. Falta de oportunidade para iniciativa (actividades predominantemente impostas e conduzidas pelos adultos, pouca flexibilidade na estruturação dos dias, na negociação e na tomada de decisões, fraca responsabilização da criança, etc)

4. Organização insuficiente (o plano do dia não é voltado para as crianças, o tempo é mal gerido e explorado, especialmente nas rotinas de transição, a orientação não é usada de modo optimizado, a gestão do grupo é desajustada, etc)

A educadora nunca deixa existir momentos “mortos”, tendo sempre atividades para as crianças.

5. Estilo do adulto adequado (atenção aos sentimentos e necessidades das crianças, intervenção estimulante e promotora da iniciativa da criança, etc)

A educadora dá muita importância às “vozes das crianças”

5. Estilo do adulto inapropriado (os sentimentos e disposições das crianças não são tomados em conta, pouco ou nenhum estímulo ao ímpeto exploratório das crianças, desvalorização das iniciativas das crianças, etc)

Factores inerentes à criança	Circunstâncias excepcionais	Factores inerentes à criança	Circunstâncias excepcionais
(dia de aniversário, nascimento de um irmão, celebração familiar, etc)	(poucas crianças na sala, dia de atividade excepcional, etc)	(doença, crise familiar, etc)	(presença de novo adulto na sala, falta de adulto de referência, etc)
Festejo dos aniversários	Quando existe menos crianças na sala é mais fácil de trabalhar podendo dar uma atenção mais individualizada	Um menino que teve um irmão recém-nascido e tornou-se muito ciumento	

OPINIÕES DAS CRIANÇAS SOBRE O JI	
O que lhes agrada	O que lhes desagrada
<ul style="list-style-type: none">• Brincar no exterior mais propriamente nos baloiços• Fazer desenhos e trabalhos• Andar no exterior a brincar livremente• Áreas de atividades• Jogos• Teatro• Histórias	<ul style="list-style-type: none">• Biblioteca• Jogos• Fazer desenhos
Interesses ou desejos	
<ul style="list-style-type: none">• Ter uma caixa de areia no exterior• Ter vestidos na área da casinha• Ter mais árvores no jardim	

INFORMAÇÕES GERAIS	
Características/recursos da comunidade e famílias	Projecto do Agrupamento/Instituição
<ul style="list-style-type: none"> • Relação com a família é sempre a prioridade na articulação com o quotidiano do jardim-de-infância • Os pais das crianças interessam-se pelo progresso dos seus filhos 	<ul style="list-style-type: none"> • O projeto que está a ser desenvolvido intitula-se “Cidadania Com Vida” • O projeto educativo de agrupamento de escolas Eugénio de Castro decorre do ano 2010 a 2013

APÊNDICE 4 – ENTREVISTAS

Entrevista 1

1- Porque é que vêm à escola?

A- Porque esta semana não temos estado doentes

Vens para a escola porque não estás doente?

A- Não, nem a Sofia.

E quando estão doentes ficam em casa?

A- E também quando vamos ao médico, faltamos.

2- E acham que é importante vir à escola?

A- Sim porque assim podemos aprender muitas coisas. E depois explicamos aos pais e eles ficam admirados.

Pois, chegam a casa falam com eles e explicam o que aprenderam.

3- E o que é que aprendem aqui?

A- A pintar. Eu já pinto sem sair do risco e hoje a Rosana ensinou-me.

Pois é já viste?às vezes é bom não é?

A- É bom pintar, fazemos exercício com os dedinhos

E tu?

S- Aprendemos a comportar bem.

E mais?

A- Eu sim. Quando a M.J. contou a história tivemos com muita atenção porque assim nunca sabíamos ler.

E temos de estar atentos para perceber a história não é?

A- Pois, porque assim não conseguíamos ir à biblioteca se não sabemos ler.

4. E o que é que gostam mais de fazer?

A- Eu gosto de ver as horas. Também gosto de ir para o computador, para a casinha, fazer jogos de matemática.

E tu?

S- Ir para as ciências, os jogos, matemática, computador, ir para a casinha.

5. E têm alguma coisa que menos gostam de fazer?

S- Eu não gosto de ir para a biblioteca.

A- Eu gosto. Só de vez enquanto.

6. O que é que a escola não tem que gostavam que tivesse?

S- Gostava que tivesse muitas caixinhas para por flocos de neve.

A- Gostava que tivesse uma porta que se abria e fechava ali.

Na casinha das bonecas?

A- Sim. E queria que também tivesse um telhado de papel

S- E um candeeiro.

A- E uma cama para nós.

E no recreio, tem alguma coisa que queriam que tivesse?

S- Queria muitos baloiços e casinhas. Queria muitos bancos, árvores e escurregas.

7. E quem é que decide aqui na escola?

S- As Educadoras.

A- Elas é que dizem o que se pode fazer ou não.

Entrevista 2

1- Porque é que vêm a escola?

A. M-

E mais?

A.M- Para aprendermos

E aprender o quê?

F- Aprender a escrever.

A.M- E a ler.

E mais?

F- A portarmo-nos bem.

2. O que gostam mais de fazer?

A.M- Eu gosto de estar no computador.

F- E eu gosto mais de fazer desenhos.

3. E o que menos gostam de fazer?

A.M- De fazer desenhos.

Não gostas?

F- O que menos gosto é que jogar no computador.

4. Achar que é importante virmos à escola?

A.M. e F- É.
E porquê?

A.M- Para aprendermos a ler.

F- Aprender a pintar bem. A fazer desenhos melhores.

Estamos sempre a aprender aqui.

A.M- É.

F- A falar melhor.

5. E o que é que gostavam que a escola tivesse, que não tem?

AM- Nada.

Acham que a escola tem tudo o que é preciso?

A.M- Sim.

F- Não. Não tem folhas.

Folhas das árvores?

A.M- As árvores têm folhas.

Não tem folhas porque não tem árvores. Acham que era preciso ter árvores?

F- Lá fora

A.M- Cá dentro não podia ser.

6. E quem é que decide aqui na escola?

A.M- São as professoras.

Quem são as professoras?

A.M- És tu.

F- A Isabel, a Fabiana, a Rosana, a Joana

A.M- A Ana, a Dora, a Cátia e a Lurdes.

7. E o que fazem aqui na escola?

F- Brincar.

A.M- E a ler.

E mais?

F- A portarmo-nos bem.

8. O que gostam mais de fazer?

A.M- Eu gosto de estar no computador.

F- E eu gosto mais de fazer desenhos.

9. E o que menos gostam de fazer?

A.M- De fazer desenhos.

Não gostas?

F- O que menos gosto é que jogar no computador.

Entrevista 3

1. Porque vem à escola?

J: Para Brincar na escola, porque é fixe

M: Sim

2. Vocês gostam da escola?

M: Sim

J: Sim

3. E porque é preciso vir à escola?

M: Para aprender

J: Para aprender a estudar

4. E o que gostam menos de fazer?

J: Eu não gosto de fazer trabalhos, só gosto de brincar

M: Eu gosto muito da roda

Isso é o que tu mais gostas de fazer???

5. E tu o que mais gostas de fazer?

J: ir para a casinha e ir para a matemática

6. O que gostavam que a escola tivesse que não tem?

M: Barbies

J: Mais jogos de matemática

J: E carrinhos

No recreio ou aqui na sala?

J: Aqui na sala

Mas existem carinhos aqui na área da matemática

M: Pois existem carrinhos

J: carrinhos grandes não só pequeninos

E tu?

M: gostava muito que tivesse aqui sabes o quê, a minha coisa preferida

Que coisa preferida?

M: Gatinhos

Gatinhos??

M: Gatinhos de brincar, eu tenho um no meu quarto, mas a minha mãe escondeu-me a caixinha porque caiu ao chão.

M: Mas quando um dia eu me portar bem ela dá-me foi o que ela disse.

Pois

J: E eu gostava que tivéssemos aqui um gatinho a sério para dar-mos comer

M: Parece que aqui não temos nenhuma taça para dar de comer

J: Não só ser for ali aquela taça da casinha

7. E quem é que decide aqui as coisas na escola

J e M: As professoras

Quem são as professoras?

J: As que mandam nas salas e aqui na escola

8. Acham que é importante vir à escola?

J e M: Sim

M: Sim muito importante para aprender as coisas

J: muito importante para aprender a fazer as contas

Entrevista 4

1. Porque é que vêm à escola?

A. C: Para aprender

Para aprender?

A.G: sim

Para aprender o quê?

A.C: A ler escrever

2. Acham que é preciso vir à escola?

A.G e A. C: Sim

E porquê?

A. C: Para desenhar-mos, brincarmos com os amigos

3. E o que é que vocês gostam mais aqui na escola?

A.G: Eu gosto de jogar futebol

A. C: Eu também gosto

E mais?

A. C: gosto de brincar e divertir-me com o Francisco

A.G: Eu gosto de brincar com os legos e com os colegas

4. E o que menos gostam da escola?

Gostam de fazer tudo?

A.C: Gostamos de fazer tudo

5. O que gostavam que a escola tivesse que não tem?

A.C: Gostávamos que tivesse . . .

Tem tudo a escola?

A.C: Não

Então o que falta?

6. Gostavam que tivesse alguma coisa em especial?

A.C: Eu gostava que tivesse uma garrafa de água para fazermos experiências

A.G: Eu também tinha essa ideia

A.C: também queria uma caixa de areia

A.G: sim eu também

Para os meninos brincarem?

A.G: Sim

A.C: Quando vamos a descer o escorrega, temos lá a areia para os meninos caírem

E quem decide as coisas aqui na escola?

A. C: é o diretor

A.C: O pai do A.C

Entrevista 5

1. Porque é que vêm à escola?

AL e AN: Para Aprender

Aprender o quê?

AL: A ler, escrever e a fazer contas

AN: A escrever também

E mais coisas que vocês costumam fazer muitas vezes?

E o que gostam muito de fazer?

AL: Eu gosto muito de fazer desenhos

AN: E também gosto de fazer dobras no papel

2. E o que gostam menos de fazer?

AN: Nada

Nada?

AL: Gostamos de fazer tudo

Gostam de fazer tudo?

AL e AN: sim

3.O que gostavam que a escola tivesse que não tem?

Tem de haver alguma coisa que vocês Gostassem!

Gostam do vosso jardim?

Acham que tem tudo?

AN: Não

Então o que falta?

Estão a pensar?

AN: Podemos passar a outra pergunta primeiro?

Sim

4.Quem acham que decide aqui na escola?

ANe AL: O diretor

Passando á outra pergunta o que gostavam que a escola tivesse?

AN: Gostava que a escola tivesse mais baloiços.

Mais baloiços???

AN: Sim

AL: Sim eu também

Não queriam que tivesse assim nada em especial?

AL: Também queria que tivesse ninhos

5. Digam-me agora para finalizar, acham importante vir à escola?

AN e AL: sim

Porquê?

AL: Para nós aprendermos

E tu também?

AN: Sim

Em relação à outra pergunta gostavam que a escola tivesse mais alguma coisa?

Oh Ficamos por aqui, mais baloiços, casinhas...

AL: Eu gostava que arranjassem a casinha e que não andassem a parti-la

Pois

E mais, gostavam que a escola tivesse árvores?

AN e AL: Sim, para sombras

E assim aqueles pneus com areia para brincarem?

AN e AL: E haver lá uns patinhos e areia para brincar

Uma caixa de areia?

AN: Sim para brincarem

Era muito mais divertido!

AL: Sim para todos os meninos irem para lá

Entrevista 6

1. Porque vêm à escola?

L: Porque gosto de brincar

Gostas de brincar e mais?

O que gostas de fazer mais?

L: Gosto de fazer desenhos

F: Eu gosto de brincar na rua

L: Fazer trabalhos

Que trabalhos é que gostas de fazer?

Gostas de decorar pintar?

F: Gosto de decorar e pintar

L: Desenhar e pintar

E tu porque vens á escola?

F: Eu gosto de andar de baloiço

L: E eu também

E mais?

Que gostas de fazer mais?

F: Gosto de andar nos escorregas

L: Eu gosto de brincar na casinha

L: mas estão lá sempre

Temos de trocar e dar a vez a todos

2. Acham que é preciso vir à escola?

L: é para aprender

F: sim, na quarta, quinta e sexta

Então é todos os dias da semana não é?

F: Mas não vamos aos feriados

Mas vem para aqui aprender o quê?

L e F: Muitas coisas

Que coisas?

L: Pintar, colar, recortar

F: Escrever e recortar

L: Fazer pinturas e trabalhos

F: desenhos bonitos

L: Pintar bem

3. O que gostam menos de fazer?

F: Eu não gosto de pintar fotografias

Porquê?

F: porque eu não sei

Mas estás aqui para aprender

Gostas de fazer tudo aqui?

L: Não gosto de comprar lápis

Porquê?

L: Porque não, não gosto de comprar sozinha

O que não gostam de fazer aqui na escola?

F: não gosto de fazer arco-íris difíceis

4. Quem é que decide aqui na escola?

L: as professoras

Quem são as professoras?

L: A Rosana, a Joana, a Cátia, a Dora, a Lurdes, a Ana, a Isabel

F: E a rosana

5. O que fazem aqui na escola?

L: Trabalhos, brincar, recortar

F: Eu gosto de jogar no computador

L: Eu também

L: gosto de ajudar

F: eu gosto de ajudar arrumar tudo

L: Gosto de ajudar as pessoas

F: eu também

L: gosto de marcar o dia

Entrevista 7

E: Boa tarde.

C. J.: Boa tarde

.C. M.: Boa tarde.

E: Podem dizer as vossas idades?

C.J.: 6.

E: E?

C.M.: 5.

E: Muito bem. Então e vocês gostam de vir à escola?

C.J.: Mais ou menos.

C.M.: A mim, também mais ou menos.

E: Mais ou menos? Está bem. Então porque é que vocês acham que vocês vêm à escola?

C.J.: Para aprender.

E: Aprender...

C.M.: Para ler.

E: Para ler...

C.J.: Am...

C.M.: Para brincar.

E: Mais alguma coisa? Para brincar...

C.J.: Para escrever.

C.M.: Para pintar.

E: Ok. Mais alguma coisa?

C.J.: Para fazer labirintos.

C.M.: Para fazer experiências.

Então acham que é importante fazer essas coisas? Acham que é importante vir cá fazer essas coisas?

C.M.: Sim.

E: Está bem. Então e o que é que vocês gostam mais de fazer?

C.J.: Pinturas.

E: Pinturas...

C.M.: Adoro fazer pinturas. E também gosto do computador.

C.J.: Eu as mesmas coisas.

E: Então e o que gostam menos de fazer?

C.J.: Estar sentada na roda

E: É?

C.M.: Não, eu gosto de estar a brincar nos baloiços.

C.J.: Mas agora é o que é que não gostas.

E: O que é que gostas menos?

C.J.: Para mim é estar sentada na roda.

E: Porquê?

C.M.: É estar sentada muito tempo na roda.

E: Porquê?

C.J.: Porque assim nunca mais fazemos as coisas e é uma seca.

E: Esta bem. Então e o que é que vocês gostavam de fazer cá que não podem fazer cá?

O que gostavam que a escola tivesse que não tem?

C.J.: Uma piscina.

C.M.: Sim, ir à piscina.

E: Mas vocês têm essa opção ...

C.J.: Na nossa escola velha, no verão íamos sempre à piscina.

C.M.: Pois.

E: Ah, para irem todos em conjunto é isso?

C.J.: Não, o bibe amarelo quando estava a dormir, o bibe vermelho e azul aproveitavam para ir.

E: Está bem.

E: O que é que tu não fazes cá que gostavas muito de fazer cá?

C.M.: Eu já te disse, ir à piscina.

E: Ah, também é igual? Desculpa. Está bem, eu não tinha percebido. E quem é que manda na escola? Quem é que manda?

C.J.: A diretora

C.M.: A diretora

C.J.: E o diretor

E: Ok.

C.M.: Também não podemos dizer os nomes das professoras?

E: Sim. Se vocês acham que elas mandam também podem dizer.

C.M.: Ok.

E: Elas mandam também, em alguma coisa que vocês fazem?

C.J.: Na sala.

C.M.: Na sala.

E: Então quando vocês vão fazer as coisas que fazem aqui na sala, fazem porque, vocês fazem porque querem ou fazem porque mandam?

C.J.: Porque mandam. E porque mandam.

E: É? Então, por exemplo, as pinturas que vocês fazem, só fazem porque mandam ou porque também gostam de fazer?

C.J.: Também gostamos de fazer.

C.M.: Gostamos de fazer.

E: Então pronto acho que é tudo.

Entrevista 8

E: Então, a tua idade é?

G: Tenho 5 anos.

E: E a tua?

M.I.: 6 anos.

E: Então e vocês gostam de vir à escola?

G: Sim.

M.I.: Sim.

E: Porquê?

M.I.: Porquê a escola é divertida.

G: Pois.

E: Também achas isso? Sim? E porque é que vocês acham que os meninos vêm à escola?

M.I.: Porque aprendemos a ler.

G.: Pois.

E: E tu? Concordas é? Tens que falar.

G: Sim.

E: Então e porque é que vocês acham que é importante vir para a escola?

G.: Porque podemos aprender coisas.

E: Acham que é importante vir?

G. e M.I.: Sim

E: E podem...E mais? Porque é que acham que é importante?

M.I.: Porque aprendemos coisas novas.

E: Está bem. Que coisas novas? Que tipo de coisas novas?

M.I.: Aprender a ler.

Cristina: Boa.

M.I.: E: Sim e mais? É só?

G: Sim.

E: Então pronto o que é que vocês gostam mais de fazer? Cá na escola?

M.I.: Eu gosto de desenhar.

E: E tu?

G.: Eu gosto de trabalhar.

E: Trabalhar a fazer o quê?

E: Fazem muitos trabalhos não é? Por isso, qual é que...Que tipo de trabalho gostas mais de fazer?

E: Queres pensar e depois voltamos a essa pergunta? Pode ser?

G: Ai..

E: Sabes? Não sabes? E o que é que vocês gostam menos de fazer?

E: Das coisas que vocês fazem cá, do que é que vocês gostam menos?

M.I.: Eu não tenho nenhuma coisa.

E: Não?

G: Bater, bater aos outros. Eu não gosto.

E: Não gostas de bater?

M.I.: Eu também não.

G: Eu posso magoar a sério e depois deitam sangue.

E: Pois, não se deve fazer isso pois não? E não há nenhum trabalho que vocês não gostam de fazer ou que gostam de fazer menos?

G: Eu gosto de todos.

M.I.: E eu.

E: Não, não podem bater mas daquilo que vocês fazem...

Tosse

E: O que é que vocês gostavam de fazer cá na escola que não fazem ?

G: Trabalhos.

E: Trabalhos? Vocês fazem cá trabalhos. O que é que gostavas de fazer cá, que não fazem?

M.I.: Ramos de flores.

E: Ramos de flores? Gostavas de fazer ramos? E tu?

G: Ainda não sei.

E: Não sabes? Está bem. E quem é que decide na escola?

M.I.: As professoras.

G: As professoras.

E: Está bem. E quando fazem alguma coisa na sala, fazem porque querem ou fazem porque alguém manda?

E: As coisas que fazem na sala fazem porque querem ou porque alguém manda ir fazer?

M.I.: Porque alguém manda.

G.: Porque alguém manda.

E: É? Mesmo aquelas coisas que vocês gostam de fazer? É mais porque mandam?

M.I.: Sim.

E: E tu? Também?

G.: Sim.

E: Muito bem.

M.I.: Como por exemplo, hoje nós tínhamos que desenhar um animal e eu gosto de desenhar.

G.: Eu também.

E: E fizeste porque quiseste ou fizeste porque mandaram? Ou as duas coisas?

M.I.: Porque mandaram.

E: Ou as duas coisas? Porque gostas de desenhar.

G.: Eu também gosto de desenhar

M.I.: Mandar.

E: Está bem. O que é que estavas a dizer?

G.: Também gosto de pintar.

E: Sim? Gostas de fazer pinturas?

G: E desenhar também.

E: Está bem, acho que é tudo.

Entrevista 9

E: Olá...Digam as vossas idades. A tua idade?

A.S: 5 anos.

E: E a tua?

A.L.: 4.

E: Muito bem. Então e vocês acham que é importante vir à escola?

A.L: É.

E: Sim? E tu? Achas que é importante vir cá?

A.S.: Sim.

E: Pronto. Então e porque é que tu achas que os meninos vêm à escola?

A.S.: Porque às vezes podem falar reuniões.

E: Têm reuniões uns com os outros é? E tu? Porque é que achas que é importante vir a escola?

A.L.: Porque é giro.

E: É giro? Ta bem. Então e porque é que vocês acham que é importante?

A.L.: Porque podemos aprender coisas novas.

E: Como o quê?

A.S.: Aprender a ler.

A.L.: Sim. Aprender a dizer os ossos no nosso esqueleto como o mini esqueleto.

E: Sim.

A.S.: E como outro esqueleto. Porque nós temos dois.

E: Temos dois?

A.S.: Um está na sala da Isabel.

E: Mas devem ter os mesmos nomes, os ossos. Ah, e então o que é que vocês gostam mais de fazer na escola?

A.L.: Comer.

E: E tu?

A.S.: Brincar.

E: Brincar a quê?

A.L.: Futebol.

A.S.: Aos pais e às mães.

E: Muito bem. E o que é que vocês gostam menos?

A.L.: Menos?

E: Sim menos.

A.L.: Fazer desenhos.

E: E tu?

A.S.: Fazer desenhos e estar sentado.

E: O que gostavam de fazer que não fazem?

A.S.: Gostávamos fazer...

A.S.: Eu...Uma loja de brincar.

E: Uma loja? Para ir às compras e assim? Sim.

A.L.: E eu sugiro que devíamos fazer outro palhaço igual.

E: Outro palhaço?

A.L.: Outro palhaço.

E: Porquê?

A.S.: Um atrás e outro à frente.

A.L.: Um atrás e outro à frente.

A.S.: Ou então encostado à parede.

A.L.: Encostado à parede.

E: Muito bem. E então quando vocês fazem alguma coisa aqui, fazem porque mandam fazer ou porque vocês querem fazer?

A.S: Porque mandam-nos fazer.

A.L.: Mandam-nos

A.S.: E não gostamos.

A.L.: Não, não gostamos.

E: E as coisas que vocês gostam de fazer, é porque fazem porque querem ou porque mandam?

A.S: Porque não queremos.

A.L.: Porque queremos.

E: É? E quem é que decide aqui na escola?

A.L.: A Ana.

A.S.: As professoras, os professores e as estagiárias.

E: Ta bem. E acho que é tudo, muito bem.

Entrevista 10

E: boa tarde, podem-me dizer as vossas idades sff? Diz-me tu a tua idade

F: 6 anos

E: e tu?

A: 6 anos

E: 6 anos, muito bem. Vocês acham que é importante vir a escola?

F: é

E: e porque é que acham que é importante?

A: porque aprendemos a ler e aprendemos a fazer muita coisa

E: e tu? Porque é que achas que é importante?

F: para aprender a fazer outras coisas e aprender a fazer xx e aprender a não magoar ninguém, e se nos magoamos algum menino xx

E: é? E acham que é por isso que os meninos vêm à escola? Para essas coisas? Porque é que os meninos vêm à escola?

F: e para fazer os deveres

E: vocês têm deveres?

F: eu não tenho, a minha mana tem

A: o meu mano é mais pequeno que eu

E: pois, vocês ainda não têm deveres, pois não?

? : não

E: O que é que vocês gostam de fazer aqui na escola?

F: eu gosto mais de brincar aqui e construir coisas

E: construir coisas? que género de cosas?

F: xx, armas, espadas, xx, coisas para tocar ou então um foguetão

E: e tu? O que mais gostas de fazer?

A: brincar na rua

E: brincar na rua? E a fazer o que?

A: jogar futebol

E: jogar futebol? Muito bem. E aqui dentro da sala, o que gostas mais de fazer?

Silencia

E: não tens assim nada que gostes mais mais de fazer? Não?

A: não

E: então e o que é que gostam menos de fazer. Diz tu, o que é que gostas menos de fazer?

F: magoar

E: magoar? Os meninos?

F: é menos

E: é o que gostas menos?

F: é, não gosto de magoar ninguém

E: e tu?

A: eu gosto menos é magoar-me

E: magoares-te? E em termos de atividades? O que é que vocês gostam menos de fazer? Nós normalmente estamos aqui, vamos para as áreas ou vamos para a rua. Daqui o que é que vocês gostam menos de fazer?

F: andar muito, e depois fico cansado, e depois se nós não bebemos água, depois caio e depois tenho de continuar até um sitio que tiver água e vou lá e depois faço uma coisa que é assim: aaaahhhhh. É o que eu faço quando estou doidinho

E: e tu? O que é que gostas menos de fazer?

A: gosto menos de jogos. Há alguns jogos que eu também gosto. O jogo dos rebuçados

E: gostas do jogo dos rebuçados? Há outros que tu não gostas de fazer, é isso? Boa. Então e se vocês pudessem fazer alguma coisa que agora não fazem ou ter alguma coisa aqui na escola que não têm, o que é que gostavam?

A: esta coisa

E: qual coisa?

A: xx

E: mas o que é que tu punhas aqui na escola que não há? Ou o que é que querias fazer que agora não fazes?

Silêncio

E: não sabes? Não acrescentavas nada aqui?

A: eu tenho duas salas, por isso. Mas a que tem a televisão tem mais, a outra também tem

E: então querias por uma televisão aqui na sala?

A: não

E: não querias?

A: xx

E: e tu? Gostavas de ter alguma coisa aqui que não há hoje?

F: podia ser um carro de corridas verdadeiro, que eu nunca andei

E: querias um carro de corridas verdadeiro?

F: mas a minha mãe nunca me deixou andar em nenhum carro de corrida verdadeiro

E: ah, olha, está bem. E tu? Ainda queres dizer mais alguma coisa? Queres dizer mais alguma coisas? Xx não? Então digam-me uma coisa, quando vocês vão fazer alguma coisa, desenhos, brincar, fazer alguma coisa, vão porque querem ou porque mandam?

F: porque nos mandam

E: e quem e que manda?

F: a Ana, vocês e a Lurdes

E: mas não há nada que tu faças sem ser nós a mandarmos? És sempre obrigado?

A: eu não, só de vez em quando é que sim. Mas são mais, mas são menos

E: és menos obrigado? Fazes muitas coisas que tu gostas?

A: sim

E: e tu? És sempre obrigado? Ou fazes coisas porque gostas?

F: faço coisas porque gosto

E: E que tipo de coisas é que fazes porque gostas?

F: brincar com os meus amigos. Também xx.
Ah, não sei o que dizer nesta.

E: hum, diz lá tu.

A: podemos dizer coisas de casa?

E: podem

A: Ah xx de brincar

E: o que é que tu fazes que não sejas obrigado e que gostas mesmo de fazer sem ser obrigado?

A: é jogar na minha PSP

E: ah, é jogar na tua PSP. Muito bem. E qui na escola? Não há nada que tu gostes mesmo muito de fazer sem ser obrigado?

Silêncio

E: não? Esta bem. Então pronto, acho que é tudo. Obrigado pela vossa participação neste jogo.

Entrevista 11

E: Então vá. Ora muito boa tarde, boa tarde meninos,

B: Boa tarde.

E: boa tarde menino

A:boa tarde

E:boa tarde menina.

B: Boa tarde.

E:Ora muito bem, uma pergunta que eu vos quero fazer, que eu gostava que voces dessem a vossa opinião, é, vocês gostam de vir a escola?

B:sim

E:Gostas? tens de falar...

B:Eu adoro!

A: Sim...

B: eu adoro!

E: adoras? Então e porque é que adoras?

B: Porque gosto muito da escola e aprendes muita coisa

E: e tu?

A: Porque podemos brincar.... a.. podemos estar na sala a trabalhar...

E: e acham que é importante vir a escola?

B: Sim...

E: sim?

B: porque xx se não fossemos a escola não sabíamos nada

E: era? e tu tens a mesma opinião ou pensas diferente? que é importante vir a escola por outro motivo?

A: ahn.. é importante ca xxx disse

E: É? Xx está bem

E: então e o que é que tu gostas, vocês os dois, gostam mais de fazer aqui na escola?

B: eu gosto muito de trabalhar...

E: trabalhar no que?

B: De fazer desenhos, de ir para as expressões

E: gostas de ir para as expressões? e o que é que tu fazes nas expressões?

B: finjo de mãe ou de pai... e tenho muitos amigos..

E: Ah!! Tu gostas de ir para a casinha... ah!!! Muito bem... E tu? O que é que gostas mais de fazer aqui na escola?

A: Brincar...

E: brincar? Brincar ao que?

A: ahn... ah! futebol! humm... mais qualquer coisa...

E: o que é que é o qualquer coisa?? Qualquer coisa.. Qualquer coisa.. Gostas de jogar futebol, certo?

A: sim..

E: e mais? dentro da sala o que é que tu gostas assim de fazer?

A: ahn... na sala... gosto de ir para a casinha, jogar computador...

E: sim... e qual é a coisa que vocês menos gostam de fazer?

B: menos?!?

E: sim

B: Eu gosto menos de jogar jogos de chão...

E: é o que tu gostas menos? e tu?

A: Eu.. Eu... não... o que eu gosto menos... de ir para... xx que eu gosto de ir, gosto de ir para os jogos de chão só com um motivo xx gosto de estar com os cavaleiros...

E: ai gostas de jogar com os cavaleiros?? para alem disso não gostas de nada nos jogos de chão é??

A:É

E: é o que tu gostas menos... Então e digam me uma coisa... O que é que vocês gostavam de fazer que não fazem??

B: eu gostava muito de fazer comida...

E: gostavas de fazer comida?? gostavas de cozinhar aqui na escola, era?

B: sim...

E: e tu?

A: eu gostava muito! mas mesmo muito! muito ! de ser um jogador de futebol...

E: gostavas muito de ser um jogador de futebol?? Mas tu aqui na escola podes ser um jogador de futebol de vez em quando, ou não?? Não jogas??

A: Estou a dizer quando for grande...

E: ah!! quando fores grande... Mas e agora aqui na escola, o que é que tu gostavas de poder fazer, que não fazes, aqui na escola. Agora nesta altura...

A: ahn.. gosto xxxxxx hummm...

E: não tinhas nada que mudasses aqui na escola?

A: acho que não...

E: não?

A: não.

E: Está bem... E então... Quando vocês... Vão fazer as coisas... É porque vos mandam, ou porque vocês gostam??

B: Porque a Ana manda..

E: ai é?? e.. e não há nenhuma altura em que tu vás sem ser a Ana a mandar?

B: há..

E: há??

B: Também há...

E: também há??

B: mas a Ana diz que, às vezes quem quer ir xx para as áreas..

E: ai é?

B: e ela às vezes xx xx

E: mas és tu que pedes...

B: sim..

E: ou és obrigada?

B: sou eu que peço...

E: ah.. e tu? Fazes as coisas porque queres ou porque te mandam? ou as duas coisas?

A: as duas coisas..

E: as duas coisas?!? Então e em que alturas é que vais porque te mandam??

A: xx eu ... gosto de fazer...

E: gostas de fazer?!? então fazes as coisas porque gostas?!? Não é porque és obrigado, pois não? ... Muito bem... Acho que está tudo... Ah! pois é esqueci-me de um pormenor... podem dizer-me as vossas idades??

A: 6 anos eu!

B: 5 anos eu!

E: Boa!! Muito obrigado!

Entrevista 12

Ora muito boa tarde, às duas... Podem me dizer a vossa idade?

A: Eu?!? tenho cinco, ai, seis anos...

E: seis anos, e tu?

B: quatro.

E: quatro anos, muito bem. Então e digam-me uma coisa, ahn... Vocês gostam de vir a escola...

A: sim...

E: sim ou não??

A: sim..

E: sim. E acham que é importante vir a escola?

A: É!!

B: É!

E: e porquê?

A: porque aprendemos a estudar..

E: aprendem a estudar??

A: sim..

E: e onde é que aprendem a estudar??

A: O que é que aprendemos a estudar? novas coisas...

E: é?? e tu?? Achas que é importante vir a escola porquê?

B:

E: Não sabes? Pronto... Ela vai pensar um bocadinho e depois nós já voltamos, pode ser? Pode?

X: não...

E: então tu dizes que vens a escola para estudar... coisas novas... Que coisas é que aprendes aqui na escola?

A: Também não é só para estudar...

E: não?? então fazes mais o que?

A: Aqui como o almoço

E: comes o almoço, mais...

A: trabalho...

E: trabalhas... e que trabalhos é que fazes?

A: Faço trabalhos, às vezes, mais vezes nas folhas...

E: Nas folhas? como por exemplo??

A: e... mas há outras coisas...

E: o quê?

A: xxxxxxxxxxx há poucos dias fizemos um copinho

E: fizeram um copinho? para fazer o que?

A: para plantar uma plantinha...

E: e que planta é que plantaste?

A: Plantei um girassol

E: Boa! E tu, também fizeste um copo? ... Tens que falar...

B: Sim...

E: sim?? e o que é que plantaste no teu copo?

B: um girassol...

E: Também foi um girassol?? Vão crescer ali dois lindos girassois, não é?!?

A: é..

B: estavam ali...

E: Pois são... Depois um dia, depois temos de regar para eles crescerem, não é? Então e digam-me, que coisas é que vocês gostam mais de fazer aqui na escola?

B: Eu gosto de desenhar...

E: desenhar? e tu?

A: gosto... gosto...gosto...gosto...gosto...gosto...gosto... de tudo!!

E: De tudo?!? então e o que é que gostam menos de fazer?

A: ahn.. menos de fazer..

E: hum?

A: eu menos de fazer? é falar...

E: gostas menos de falar?? e tu?

A: quando estamos a dizer muitas grandes coisas

E: e tu? o que é que tu gostas menos de fazer aqui na escola

B: ...

E: Também não sabes? Gostas de fazer tudo, é? Mas há-de haver uma coisa que gostas menos...

B: hum... ir para a casinha...

E: ir para a casinha? é o que tu gostas menos ou o que tu gostas mais?

B: é o que gosto menos...

E: Ai o que gostas meno é de ir para a casinha? ah.. está bem... E tu, é de falar, não é? Então e...

A: mas há outra coisa que gosto muito...

E: o que é que tu gostas muito?

A: eu estava-me a lembrar.. mas já me esqueci...

E: ora bolas... Então, outra coisa, uma coisa que vocês gostavam de poder fazer, mas que não fazem muitas vezes, ou que não podem fazer?

A: eu sei uma!

E: diz

A: o meu animal preferido é a aguia. e eu não posso fazer aqui...

E: é a aguia? e não podes fazer aqui porque?

A: porque, porque não há trabalhos sobre aguias aqui

E: ai, mas isso não é desculpa... vamos já fazer um trabalho sobre aguias...e já a seguir...

A: não

E: não queres?

A: não...

E: ah! pronto...se não queres é outra coisa, mas se quiseres vamos já descobrir coisas sobre as aguias! Sim?? é uma questão de combinarmos.

A: é o meu animal preferido...

E: boa... então e tu o que é que gostavas de fazer aqui que não podes fazer, ou que nunca fizeste ou nunca aconteceu??

B: ...

A: Eu tenho outra coisa xxx para fazer no escuro, e há uma amiga minha que já aconteceu fazer no escuro xxx

E: ah! então vamos ter de praticar mais, não é? xxxxxxxxxx

B: mas ela foi ver-me do por ali chama-se mariana

E: ai é? humm muito bem...

B: martins

E: Olha, então agora digam-me uma coisa, quem é que vocês acham que manda aqui na escola? vocês fazem as coisas... quem é que manda aqui?

E: a Ana, e mais? mais alguém?

X: A Lurdes..

E: A Lurdes? Boa

X: Não

E: e as coisas que vocês fazem, é porque elas mandam ou porque vocês gostam de fazer?

D: porque elas mandam...

E: vocês nunca fazem nada sem serem elas a mandar?

A: fazemos.. Quando vamos para as áreas, escolhemos nós as áreas...

E: ai é? ai não são elas que mandam...

B: pois não..

E: Não?

xxxxxxxxxx

E: prontos, olhem, eu acho que ... querem dizer mais alguma coisa?? sobre a escola?? O que é

É?

M- Ela só é auxiliar.

T- Mas também é professora.

Estou a aprender não é? Para ser professora.

M- Eu não sabia disso.

Não sabias?

E tem alguma coisa que gostavam que a escola tivesse?

M- Eu queria que a escola fosse fixe.

E achas que não é?

M- A sala 1 é melhor.

Achas? porquê? essa também é tão grande.

M- A sala 1 tem coisas muito giras.

E tu?

que..

X: o que é que falamos muito?

E: queres falar mais, podemos falar mais... diz lá mais coisas que queiras dizer sobre a escola... diz lá

A: é uma escola muito gira..

Entrevista 13

1- Porque é que vêm à escola?

M- Eu não gosto de vir

Porquê?

M- Porque me obrigam a fazer coisas

Não gostas de vir?

M- Porque obrigam. A Cátia manda

Mas tens que fazer para aprender não é?

E tu?

T- Porque assim estou com a minha mana, para brincar, brincar nos escorregas.

2- Acham que é importante vir à escola?

T- Sim

Porquê?

T- Para aprendermos.

M- Para aprendermos e para quando irmos para a escola primária sabermos.

3- O que mais gostam de fazer aqui na escola?

T- Eu gosto mais de brincar com a mana.

Gostas? E Tu?

M- Brincar no computador.

4- E o que menos gostam?

T- Eu gosto menos é de brincar com o meu avô.

Mas e aqui na escola?

M- Eu gosto menos de brincar na casinha.

T- De pular à corda.

5- E quem é que acham que decide aqui na escola?

M- A Isa.

T- E tu.

T- A sala 1 é muito gira.